

Revista

n° 14

AVESSO

Autoral, criativa e diferente

Autores

Marcela Oliveira

Maria C. Dadalt

Rone Cristiano da Silva

Ayumi Teruya

Paulão Fardadão

Glauca Brum

Rândyna da Cunha

Adeval de Andrade

Ana Farias Ferrari

Thais Rocha

Samia M. Awada

Luan Lary

Debora fogaça

Cristhia Kelle Santana

Fábio Luís Vasques Silva

Pedro Palma de Souza

Liana Salles Monteiro

Carolina Figueiras

Equipe

Editora-chefe

Mayara Barros

Conselho Editorial

Claudia Bianco

Igor Batista

Marina Brandão

Mayara Barros

Vitória Pratini

Projeto Gráfico

Claudia Bianco

Marcelle Andrade

Mayara Barros

Victor Vicente

Vitória Pratini

Jornalistas

Claudia Bianco

Marina Brandão

Mayara Barros

Vitória Pratini

Colunistas

B. Craus Nantai

Capa

Mayara Barros

Revisão

Claudia Bianco

Contato

contato@revistavessa.com

www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745

Facebook: /revistavessa

Twitter: @RevistaAversa

Editorial

Temos o prazer de trazer mais uma edição dessa revista que tanto amamos. A equipe cresceu, mas ainda somos uma iniciativa voluntária, por isso pedimos desculpa por atrasos e demoras em responder dúvidas eventuais e outras perguntas. Estamos fazendo o nosso melhor, acreditem.

Essa edição vem recheada com contos e poemas que exploram muitos dos aspectos do tema *fantástico*, indo além do óbvio e explorando temas difíceis e interessantes.

Não deixem de prestigiar os autores que colorem o interior deste volume e aos que não puderam participar, esperamos vocês na próxima edição.


Mayara Barros
Editora-chefe

A revista Aversa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

Nº 14 Mai/Jun 2017

7
prosa

A Cólera de Sunrose

Marcela Oliveira

O Esconderijo

Glaucia Brum

29
prosa

13
prosa

Adeus Sandra

Maria C. Dadalt

Os Arranhões do Manco

Rândyna da Cunha

36
prosa

17
prosa

A Folha

Rone Cristiano da Silva

Pés Virados

Adeval de Andrade

41
prosa

23
prosa

A Princesa e o Mago

Ayumi Teruya

Simplemente Fantástica

Ana Farias Ferrari

48
prosa

27
prosa

Fábula da Mágica Mentira

Paulo Fardadão Cheio de Bala

Titânia

Thais Rocha

52
prosa

55
coluna

B. Craus Nantai

Coragem

56
poesia

Samia M. Awada

A Ilha Invisível

60
poesia

Luan Lary

Divina

61
poesia

Debora Fogaça

Fantástico

62
prosa

Cristhia Kelle Santana

Fantástico é Ser Mulher

65
poesia

Fábio Luís Vasques Silva

Fantástico

Iuvenes Phasma

Pedro Palma de Souza

66
poesia

Não deserto porque sonho

Liana Salles Monteiro

67
poesia

Deixar ou ser deixado

Carolina Figueiras

70
poesia

A Cólera de Sunrose

Gilderoy Sebag não conseguiria explicar em seus textos como estava se sentindo naquele dia. Não havia tempo para sentimentalismo ou espaço ético para deixar suas considerações pessoais sobre o evento profético.

Os olhos castanhos, identidade de sua naturalidade dulcíssima, não perderia um detalhe sequer do que aconteceria em Cáucaso. O lugar neutro onde as duas famílias reais decidiram em um tratado selar a união entre os dois povos era de uma beleza espectral. Havia algo de mágico naquela floresta, fosse pelos estranhos pinheiros brancos que pareciam alcançar o céu, como uma escada entre os dois reinos, ou fosse por nunca ter sido atingido pela guerra que durou mais de duas gerações.

Quase no fim do segundo encadernado ele descreveu o rosto receoso das mulheres andantes observando a falta de brisa entre aqueles pinheiros brancos; as crianças que não corriam em brincadeiras infantis ignorando sua natureza cândida e ignorante dos problemas do mundo, sentadas como perfeitos adultos que respeitam o que não podem explicar e temem o que não podem compreender; observou os homens montarem guarda com o cuidado para não mostrarem-se ofensivos.

Gilderoy, sentado em sua cadeira afastada das outras em fila, teve vontade de rever suas primeiras anotações para lembrar o que havia antecedido até que chegassem àquele dia. Toda a marcha em terra e a tomada dos céus pelos alados. O sangue que chovia como água quando as tropas de arqueiros do rei andante Hustph Trun emboscaram guerreiros alados escondidos nas nuvens de fumaça dos canhões. O sangue que corria como afluente quando os homens com asas desceram como um enxame celestial perfurando cavalos e homens com suas azagaias e lanças de pedra vermelha, envolvendo os inimigos num tornado e cegando-os com a terra movida por suas asas. Sobre o mortal golpe no embate de Rei contra Rei no limite do penhasco de Salandor. O acontecido foi pintado por um artista celeste que atuou como soldado e viu a cena de perto. O rei dos céus usando meia armadura e o elmo com chifres retorcidos voando

com suas gigantescas e assombrosas asas negras no nada após o fim do precipício, sua espada Fúria Celeste encravada no peito de Trun, ajoelhado como se pedisse clemência no fim sólido do penhasco. Não pedia clemência, e mesmo aqueles que haviam visto a tendenciosa pintura sob um céu alaranjado e vermelho sabiam que o falecido Rei jamais clamaria por sua vida.

O título de Trun, o Bravo, não deixava qualquer dúvida sobre o quão magnânimo ele era em campo de batalha, mas a idade e o cansaço de anos de guerra favoreceram o mais jovem e místico rei.

O príncipe herdeiro, Sécio Trun, ascendeu ao trono assim que o último suspiro de vida perdeu-se entre os gritos de vitória dos alados. Diferentemente do que os seus antepassados fizeram, ele não jurou vingar-se pela morte de seu pai, propôs um acordo para que deixassem a guerra de lado e voltassem a governar como os antigos faziam, antes que as duas raças fossem extintas. Sua filha foi ofertada para que se casasse com o segundo filho do rei alado, mesmo a moça sendo mais velha e chorado a sua angústia por longas duas noites, mas não podia acontecer. Sem asas ela não sobreviveria em Hög Rike, a terra acima das nuvens onde o palácio vertical erguia-se sem a glória real, protegendo os aldeões atrás de si.

Entretanto, o acordo era de comum interesse. Os alados precisavam das terras abaixo de Hög Rike para cultivar e a aliança poderia proporcionar uma nova era de prosperidade. A bela Sunrose Wiggs, filha mais velha do Rei alado, foi ofertada para que se unisse ao príncipe herdeiro Constant Trun e vivesse entre os andantes como o maior símbolo de confiança que o ele e seu povo poderia ter para com os que não conheciam o céu.

Gilderoy não seguiu a etiqueta, não levantou e nem curvou-se a passagem do Rei Trun. Sua tinta traçava a história que seria contada depois, sem qualquer intervalo para que fosse um súdito leal.

Sem olhar para o papel, desenhava as letras que depois seriam ilustradas em painéis e livros didáticos, eternizada em pedra e cantada em canções pelos bardos dos dois povos.

Enquanto no chão as famílias nobres aguardavam em suas rendas e veludos de todas as cores a chegada da nova rainha, - todos lambuzados por uma tensão que ricocheteava ao vento e escondendo a profunda e sangrenta ferida em seus orgulhos - no céu uma trompa dava a primeira nota e outras tantas ascen-

diam com o cântico ao Rei de asas.

Via-se mulheres e homens esfregando os braços para ocultar o arrepio que Gilderoy não pôde, e não quis, suprimir quando o coro das harpias ergueu-se entre as trompas e tornou-se único. Gilderoy contaria aquela história pelas tavernas até a sua morte, da sensação que foi ouvi-las e não saber comparar com nada que existisse no mundo que ele conhecia.

Então, eles surgiram. Cortando as nuvens com uma leveza que não mostraram em campo de batalha. Mais de duas dezenas de alados vestindo-se de vermelho, deixando que as asas sumissem de suas costas eito fumaça ao tocarem o chão e os cabelos negros e lisos caíssem para trás como capa acetinada até os pés.

Muitos diriam que o príncipe Constant não merecia a bela princesa como esposa apenas pela primeira impressão de sua chegada. Ele baixo, barrigudo, com cicatrizes no rosto e dois dentes faltando após a batalha, ela esguia e delicada, de rosto sóbrio sem marca alguma, tão branca quanto a lua e tão misteriosa quanto a noite. Em seu vestido azul cor do céu trabalhado em rendas e bordados dourados, delicados pendentos com cristais e pedras vermelhas, ela foi entregue pelo pai às mãos de uma nova nação e seria a primeira alada a unir-se com um andante em toda a história das duas raças.

Gilderoy ocupou seu lugar de direito como o escritor real no palácio Perene. Nunca havia realmente vivido entre uma corte em paz, sem os percalços da guerra batendo-lhes à porta, então houve muito a que se adaptar. Diariamente observaria as idas e vindas da nobreza e documentaria os primeiros anos da união entre os dois povos.

Em seus relatos pôde ser mais descritivo quanto ao estranhamento inicial quando os primeiros alados desceram em terra sem armas e armaduras, passeando entre os andantes como iguais.

Gilderoy, além de muitos, escreveu sobre a relação conturbada que os dois povos foram forçados a ter. Qualquer artista na época teria uma nítida e valiosa imagem de sentimentos negativos estampados no rosto daqueles que possuíam asas e dos que apenas tinham os pés, mas ao contrário da maioria, Gilderoy manteve sua atenção principalmente sobre aquela que vestiu negro após coroada e nenhuma palavra dizia, sua rainha de asas.

Silenciosa, tanto em palavras quanto nos passos, apavorava as pessoas com sua presença surpresa e misteriosa. Diferente do marido que mostrava-se presente em qualquer reunião que houvesse, que gostava de festejos banhados a bebidas e carnes de caça assadas e gordurosas, Sunrose mantinha-se em público apenas o tempo necessário para não ser indelicada.

Gilderoy, em seu diário pessoal, confessou o proibido encantamento que começava a nutrir pela poética e misteriosa rainha que apenas movia os olhos quando na presença de outros.

As declarações otimistas sobre o distanciamento entre o rei e sua rainha e as frequentes alegações sobre o infeliz casamento escritas por Gilderoy em seus diários foram queimadas na fogueira erguida em comemoração à gravidez da rainha. Melancólico, não deixou seu trabalho e se agarrou ao romance entre um pobre escritor e sua senhora, que decidiu escrever a parte dos relatos históricos.

Como todos, teorizava sobre como aquela criança seria.

Gilderoy percebeu que a curiosidade sobre a criança híbrida havia ofuscado a resistência à aliança feita após a guerra.

Revoltas foram armadas e destroçadas com a mesma rapidez.

A criança nasceu. Uma linda garota de cabelos negros e sem asas. Um ancião alado decretou que ela não era uma deles. Era uma andante.

Os alados se afastaram, abandonando sua princesa e fechando-se em seu reino erguido na rocha acima das nuvens.

Os relatos de Calassa Frein são os mais seguros sobre a nova fase em Andria. Gilderoy começou a se abster e deixar sua atenção toda para a sua rainha que agora sorria discretamente apenas para a pequena princesa, ainda não falava, mas podia ouvi-la ninar a filha com uma canção sem letra, mas adorável. A sua volta não percebeu a agitação do Rei e nem no que Constant Trun estava se transformando com a chegada de um Homem de Sal.

Esquecido pelo castelo, Gilderoy continuou observando e relatando cada passo dado pela preciosa princesa e os raros sorrisos de sua rainha. Pensou que fosse ficar louco de amor quando um pensamento ruim passou por sua mente contra o rei. Num impulso que garantiria a sua sanidade, ele queimou os seus diários, deixando apenas uma única página.

O escritor arrumou suas coisas e partiria naquela noite.

Aproveitaria que todos estariam bêbados pela festa de treze ve-
rões da princesa e partiria para longe. Viveria contando o que
viveu. Mas seus planos eram contra o que haviam tecido em seu
destino. Gilderoy seria o homem a contar o que aconteceria na-
quela noite.

Um grito animalesco e visceral estilhaçou todas as janelas
do palácio.

Gilderoy correu sem seu pincel e suas folhas. Correu para
dentro ao invés de ir embora. Correu contra o vendaval que cas-
tigava como lâminas, enquanto os soldados caíam ao chão sem
equilíbrio e ainda sangravam pelas orelhas.

O vento empurrava-o para trás, mas conseguia segurar-se
nas paredes e forçar seu corpo a ir adiante, enquanto o grito
agonizante era expelido pelas paredes do palácio, com se fosse
o lamento de um espectro bestial. O sangue já corria por suas
orelhas e o som tornava-se abafado e distante, mesmo que o
próprio vento ainda varresse tudo a sua volta.

Então, tudo parou. O grito. O vento.

No andar de baixo Gilderoy pôde ouvir com muita dificulda-
de os gritos dos soldados preenchendo o vazio sepulcral que se
estabelecera. Com passos cuidadosos e a cabeça em confusão,
o escritor chegou até onde seu coração o guiava afoito. Nada
havia no quarto de sua rainha.

As pernas tremeram e perderam as forças, caído no chão
ainda ouvia de longe as vozes dos soldados. Longe demais. Ar-
rastou-se até a próxima janela e conseguiu ficar em pé.

Ele era um homem que já havia visto muito dos horrores
da vida, mas aquele grito ainda ecoaria por sua mente todas as
noites e a visão que teve ao chegar ao quarto da princesa o ator-
mentaria em todo o caminho até a sua morte: A delicada prince-
sa enforcada com seu próprio lençol do lado de fora da janela e
com uma espada enterrada no peito. A Sangue Negro.

O quarto inteiro era a sombra da destruição, tudo varri-
do por um vento fúnebre enquanto a donzela morta balançava
pelo pescoço.

Gilderoy ficou estancado na porta dos aposentos, sem
qualquer reação.

Depois ele contaria que os sons nunca mais foram ouvidos
da mesma forma, o grito de dor de uma mãe alada o ferira per-
manentemente e contaria, também, que não se lembrava de
como tiraram o corpo da princesa morta, como o Homem de Sal

pulou pela janela aberta e desapareceu ou de todas as pessoas
que entrariam naquele cômodo pelas próximas horas da madru-
gada, porque ele ficara hipnotizado com a sua rainha de negras
asas abertas planando entre as nuvens cinzentas enquanto fazia
chover o sangue do seu marido e rei pelo Cáucaso, tingindo as
imaculadas folhas brancas dos pinheiros e a terra clara de ver-
melho vivo.

Hög Rike havia sumido naquela noite, também. Todos os
alados desapareceram como se nunca houvesse tido uma raça
mística que guerreou contra os homens andantes por gerações.

Gilderoy viveu muito mais do que quis e, já em idade avan-
çada, deitou-se sobre a terra mal cheirosa de onde antes era
conhecido como Cáucaso, e olhou para cima vendo apenas o
vermelho de todas as folhas que jamais voltaram a ser brancas.
Depois de tudo o que já havia escrito na sua vida, foi com ape-
nas uma página rasgada e amarelada que ele se despediu desse
mundo.

*“Tão perfeita seria se concedesse aos pobres súditos a gra-
ça de vê-la voar. Estender suas belas asas negras, sorrir ao vento
cantando junto às harpias. Mas, desde que fora amarrada a um
destino que não seria profetizado nem pela mais trágica das Mah
Shinrah, não abre suas asas e as oculta no luto eterno que se man-
tém à morte da sua dádiva chamada liberdade.”*

Marcela Oliveira

marcelamansony@gmail.com

Moradora do interior de São Paulo, tenho 24 anos e sou formada
em gestão de Recursos Humanos. Jogadora de RPG no tempo
livre e amante da fantasia, costumo unir as duas paixões e
sintetizar em uma: a escrita.

Adeus Sandra

Aviso de Gatilho: Suicídio

Ele sentiu aquele cheiro insuportavelmente delicioso invadir suas narinas sem ser convidado. Ele sentiu todo seu corpo se contrair perante aquela sensação. Ele queria... não, ele precisava desesperadamente cravar seus dentes na presa responsável por aquele cheiro.

A criatura saiu desembestada pela rua deserta, seguindo aquele cheiro que teimava em lhe fugir, ao mesmo tempo em que continuava a lhe perseguir, completamente sedutor.

Por quatro quadras ele o perseguiu, sentindo-o ficar provocantemente mais forte a cada passo. Então ele a viu. A fonte daquele cheiro maravilhosamente enlouquecedor.

— Wesley?

Aquela voz o fez parar. Sim, ele conhecia aquela voz. Sandra, sua adorável Sandra... Ele sentiu seus olhos ficarem menos nebulosos. Ele sentiu a sede por aquele cheiro se acalmar. Mas foi só por um segundo.

Ele gritou de agonia. Sua forma animal estava novamente sedenta pela carne dela. Ela, aquela mulher que tanto desejara antes, quando ainda era humano. Agora, seu interior sobre-humano a desejava também. Mas a desejava com uma vontade animalesca, uma vontade que ele não queria ter.

Ele queria gritar: “Fuja!”.

Ele queria gritar: “Lute!”.

Mas ela não lutou. Ela não lutou porque reconheceu, em algum lugar daqueles olhos imensamente negros, o que antes foi seu adorado Wesley.

“Você vai conseguir superar isso, eu sei que vai”. A lembrança o pegou desprevenido. “Você é mais forte que essa maldição, Wesley, eu sei que é”. Aquela voz doce ecoava em sua cabeça, e mesmo que sua forma não fosse mais a forma de um humano, sua consciência ainda residia em algum lugar.

“Não vou machucá-la”. O pensamento ecoou forte por todo o seu corpo. Ele conseguiu reter suas garras antes que elas pudessem rasgar o rosto da amada. Entretanto, chegaram perto o suficiente para que uma pequena linha vermelha se formasse

e escorresse por aquele lindo rosto.

Sandra olhou para o que restou de seu amado. Uma criatura semi-humana. Possuía os rabiscos de um corpo humano, mas estava coberto de uma pele preta como petróleo. Seus olhos eram completamente negros e inexpressíveis. Seu nariz, mais lembrando o focinho de um urso, parecia levemente mais molhado que o resto do corpo. O mais aterrorizante eram suas presas sobressaindo de sua boca. A criatura estava salivante pela presa que se encontrava a poucos centímetros de si. Mas, por algum motivo, hesitava.

Sandra tinha a arma para se proteger em seu coldre na cintura. Era uma arma especialmente desenvolvida para aquele fim: matar criaturas como aquela. Meio-demônios. Humanos que foram tocados pela maldição de um demônio verdadeiro.

Porque ela hesitava? Ela sempre disse a si mesma que não hesitaria. Aquela não era mais o Wesley que conhecia. Nunca mais seria. Wesley havia desaparecido no interior daquela criatura. O seu amado Wesley tinha sido devorado por ela.

Mas porque aquela criatura sem alma ou coração hesitava ao matá-la? Já havia hesitado duas vezes. Seria Wesley ali, tentando resistir? Como dar um fim a ele, se ele ainda estava ali, em algum lugar? Quem sabe ela pudesse salvá-lo?

Wesley lutava com todas as suas forças contra aquele instinto assassino. Wesley queria, mais do que tudo, que Sandra não fosse machucada por suas mãos. Por que ela hesitava? Porque não atirava de uma vez e acabava com a sua agonia? Ele não conseguia suportar aquela vontade absurda de ter aquele sangue quente descendo por sua garganta.

Ele tentou implorar a ela.

Um som rouco saiu de sua garganta. A mistura de um urro e um ganido de cachorro. Não, ele não tinha mais nenhum tipo de controle sobre seu corpo. Ele mal conseguia controlar seus próprios pensamentos.

“Fuja, Sandra... Fuja...”.

Ela não conseguiu se conter ao ouvir aquele gemido. Aos poucos, como se não tivesse muita certeza, ela tentou esticar a mão e tocar aquele homem que um dia foi seu. Ela sentiu a textura estranha sob as digitais de seus dedos. Algo meio plástico, meio seda. Ao mesmo tempo macio e áspero.

E então, como se um milagre acontecesse, aquela pequena parte embaixo de seus dedos perdeu a coloração negra e voltou

à pele humana que um dia fora. Aos poucos, aquele toque fez com que Wesley conseguisse se ater melhor ao que era. Finalmente, ele conseguia formar um único pensamento.

Sandra nunca estaria segura ao seu lado. Enquanto ele, parte humano, parte demônio, controlado pelo animal, estivesse vagando por aquele território... ela não estaria segura. Tudo o que ele queria é que não fosse ele a pôr a vida dela em risco. Ele precisava acabar com a própria existência. Ele precisava desaparecer. Mas como? Se ele nem possuía controle sob o próprio corpo?

Foi então que, lentamente, com aquele leve toque dos dedos de sua amada, ele foi recobrando o controle sob seus membros. Lentamente, ele foi recobrando a liberdade de pensar. Lentamente, sua parte humana foi conseguindo recobrar o controle de si.

Por fim, o instinto, finalmente, praticamente se esvai. Dentro dele, não existia mais aquele instinto de sobrevivência, aquela fome. Não existia mais a sede. Tudo que o definia era seu amor. Seu amor por Sandra e a vontade terrível, incontestável, de que ela pudesse ficar a salvo. A salvo do mundo, e, principalmente, a salvo dele.

Ele viu o brilho da arma no coldre da cintura dela. Aquela arma, que era para mantê-la segura. Então ele entendeu: ela nunca iria machuca-lo. Ela não conseguiria. Mesmo naquela forma odiosa.... Ela nem pensara em pegar a arma. Ela nem pensara em sobreviver...

Aquela era a sua Sandra... E ela morreria por ele. Ela morreria pelas garras dele, se fosse necessário. Mas ele não permitiria isso.

Ele morreria por ela.

Com um movimento rápido de sua mão boa, Wesley pegou a arma de Sandra, mirou exatamente o ponto que sabia ser fatal, por debaixo da garganta, e atirou sem pensar. Ele sentiu a bala diferente, especializada em acabar com sua natureza, penetrar a sua carne e ir queimando, pouco a pouco, aquele ser que existia dentro dele.

Sandra viu tudo acontecer chocada, sem ter reação nenhuma ao que acontecia. De repente aquela criatura caiu imóvel a sua frente, uma mão humana, e o resto ainda meio-demônio. Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas e o desespero inundar seu coração. Era definitivo, nunca mais ela veria seu amado.

Ao olhar aquele rosto que um dia havia sido seu querido Wesley, ela viu as lágrimas que ele tanto queria ter derramado naquele momento. E no fim, Sandra soube que Wesley conseguiu sim, superar sua maldição. Conseguiu sim, ser mais forte que ela. Porque Wesley morreu como um humano que decide morrer, não como um animal morto por um caçador. Ela deixou suas lágrimas escorrerem, caírem e molharem o rosto desfigurado. Com os dedos, ela fechou os olhos imóveis e sussurrou, somente para os mortos ouvirem: “eu também te amo”.

Maria C. Dadalt

mariacdadt@gmail.com

Tem 26 anos, é formada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e está cursando a segunda graduação, agora em Letras – Português e Inglês. Atualmente, mantém o Blog Literário “A Arte de Contar Histórias”, no endereço www.artedecontarhistorias.com.br.

A Folha

Rone Cristiano da Silva
roncsilva30@gmail.com

Desde criança adoro escrever, começando com trechos de livros didáticos até curtos romances em cadernos de brochura na adolescência. Graças a auto publicação, estão presentes na Amazon meus romances ‘Amor e Ficção’ e ‘O Último Drink’, além de vários contos. Atualmente estou escrevendo o terceiro romance em ambiente digital, ‘O Universo de Darker’, com previsão de lançamento em 2018.

Sou obstinado e teimoso. Achava que essas características nunca mexeriam comigo. Mas quando escutei meu avô, numa realidade alternativa, parei de querer saber o porquê das coisas. Pelo menos as relacionadas aos membros da família.

Certa vez, quando tinha meus seis anos e algum conhecimento do universo adulto, fui visitá-lo, acompanhado pela minha mãe. Foi no verão de 1970. O idoso de oitenta anos ficara viúvo há um mês e precisava de apoio. A proposta veio em boa hora. Mas o Sr Honório Santos era orgulhoso e não aceitaria se mudar para minha casa. Iria continuar pagando aluguel, usando quase toda sua mísera aposentadoria.

Na época, eu não tinha noção da situação precária do homem. Só reparei na casa pequena, de poucos móveis, mantimentos e muita sujeira. A mulher que vinha fazer a faxina semanal deixara o idoso na mão, por falta de pagamento. Lágrimas rolaram pelo rosto de mamãe ao ver a cena. Louças fedendo na pia, papel higiênico jogado no chão do banheiro, manchas e poeira. Ela encontrou o pai numa poltrona, assistindo um filme numa TV de tubo em preto e branco. Segurou suas mãos frágeis e enrugadas, fitando-o nos olhos:

— Venha morar, comigo, papai. Vou limpar esta casa e pagar o aluguel desse mês. Já falei com o proprietário e meu marido. Os dois concordam.

O velho desviou o olhar a mim. Retribuí com um sorriso. Gostava dele, e sabia que ele não teria ânimo para brincar comigo, mas o queria por perto. Decerto poderia me contar histórias para dormir. Honório suspirou e baixou a cabeça:

— Está bem, filha. Só preciso de mais três noites aqui. Depois irei aonde quiserem.

Noêmia respirou e relaxou o corpo. Foi fácil convencê-lo, o oposto do que nós acreditávamos. Radiante, mamãe pegou vassoura, panos e produtos cheirosos do carro e iniciou a faxina. Sentei no carpete encardido e a curiosidade me tomou:

— Por que três dias, vovô?

Ele cruzou os dedos, como se fosse rezar:

— Meu netinho Igor, sabe que amo tua avó Janice e ela virá me buscar aqui e juntos iremos para o *jardim mágico*. Ela chegará daqui a três dias.

Maneei a cabeça, confuso.

— Mas vó, meus pais disseram que a vó está com o Papai do céu. Não vai voltar.

— Está vendo aquela folha?

Ele apontou na parede a nossa frente. Havia vários quadros do casal, em diferentes épocas, mas entre eles, uma moldura em madeira com uma folha grande e verde, maior que minha mão. Desconheço a espécie, mas nem me importei em perguntar. A informação que veio à seguir me deixou maravilhado:

— Aquela folha caiu da árvore na qual fiz a primeira declaração à sua avó, rabiscando com uma faca nossos nomes no tronco, dentro de um coração. Foi há setenta anos. Claro que a árvore não existe mais, deu lugar a uma construção enorme, aqui na cidade, onde os velhinhos se reúnem até irem ao o céu. Portanto, essa parte da árvore é a melhor recordação que tenho. Caiu em cima de nós durante o primeiro beijo. Ontem, a folha estava seca, mas depois que os homens vieram, ela ficou fresca de novo.

— Quais homens, vovô?

— Os homens de branco.

Na hora a ficha não caiu. Um garoto de seis anos não suspeitaria que o idoso seria levado a uma casa de repouso. Na verdade, papai não aceitou o sogro decrépito sob o mesmo teto. Isso fiquei sabendo mais tarde, de madrugada.

Assim que o humilde imóvel ficou brilhando e perfumado, mamãe deixou o jantar pronto e me levou embora. No carro, notei ela massageando o pescoço e tentando fazer uns alongamentos em cada parada. Ouvi até ossos estalando. Toquei no assunto do vovô, contando tudo que ele falara. Pelo retrovisor, vi o olhar atônito que ela fez. Perdera a mãe devido a derrame e agora o pai definhando mentalmente.

Às duas da manhã, fui tomar água e eis que me peguei ouvindo atrás da porta de meus pais. O homem da casa cochichava, mas em tom severo:

— Como seu pai descobriu que eu agendei a transferência para o asilo daqui a três dias e os médicos vão buscar ele?

— Não sei, querido, é muito estranho! Ele disse que minha mãe ia voltar e levar ele a um tal “*jardim mágico*”.

— Tá vendo? Eu avisei que o velho está senil, caduco. Ia ser um inferno se trouxesse ele pra cá. Não teríamos um minuto de sossego!

— Adalberto Ferreira! É do MEU pai que está falando! Sinto uma dor enorme em fazer isso. Não vamos nos desfazer de um fardo inútil! É um ser humano, que me educou, alimentou e amou. Um dia vamos envelhecer e ficar como ele.

— Quando isso acontecer comigo prefiro morrer a deixar que alguém me dê banho ou troque fraldas.

Fiquei magoado ao saber as intenções de papai. Quis avisar meu avô que não o trariam para casa, mas não existia telefone residencial. E com seis anos na época, como eu percorreria os quilômetros que separavam as duas casas, sem contar a ninguém? Contava visitá-lo no tal asilo, porém, se dependesse do meu pai, aquela visita, a faxina e a comida pronta eram o adeus definitivo.

Mas não era.

Aí chegamos na parte estranha. Quando criança aceitei aquilo numa boa, no entanto, um ano depois, percebi a gravidade que o evento causou na família. Noêmia e Adalberto nunca mais foram os mesmos. E após a morte deles, quis obter as respostas sozinho. E isso também me transformou.

Depois dos três dias, imaginei de mil formas como o Sr. Honório seria levado à casa de repouso. Qual sua reação, ao se dar conta que fora enganado? Mamãe ficou comigo, enquanto papai e os homens de jaleco branco foram fazer o serviço. Porém, quando Adalberto retornou, fingi estar dormindo para ouvir a conversa. E por um instante, julguei mesmo estar em sono profundo:

— Seu pai... *desapareceu!*

Foi a bomba na família Santos Ferreira. Noêmia ficou um minuto sem poder falar. Um soluço explodiu:

— Como?

— A casa tá vazia. Os vizinhos não o viram sair e nenhum movimento ou barulho estranho foi presenciado durante a noite. As roupas e objetos estão intactos, exceto por um quadro jogado na poltrona que ele sentava.

— Um quadro dele e da minha vó juntos?

— Não, o quadro da folha seca, emoldurada. Não é incrível?

Mordi a língua num espasmo com aquilo. Apolícia foi avisada e um rigoroso processo de buscas foi efetuado. Chegaram a

suspeitar de sequestro por parte do proprietário do imóvel, já que Honório devia aluguel. Óbvio que a teoria não se sustentou. Até que Noêmia lembrou do possível paradeiro:

— Igor, querido, por acaso seu avô não te disse onde fica o “jardim mágico”?

Ela perguntou aquilo a mim porque os recursos se esgotaram. E não pude ajudar.

O tempo passou. Os pertences de Honório foram doados, exceto os quadros que ficaram conosco. Noêmia via as imagens e logo soluçava. Papai também ficou fungando certa vez, mas garantiu que era alergia. Quanto a mim, guardei com carinho e cuidado a moldura com a folha.

Aonde um idoso de oitenta anos iria, sendo mamãe sua única filha e parente vivo?

As investigações prosseguiram, as mídias da época, jornais, revistas, rádio e TV, anunciaram o desaparecimento. Contudo, todos os esforços em vão. Conforme crescia, fiz minhas próprias pesquisas. O caso fora encerrado. Todos os hospitais e casas de caridade foram averiguados canto a canto. O corpo nunca apareceu. Aos poucos, toda a história fantástica de “jardim mágico” evaporou de minha mente. Pelo menos, ficou num estado latente.

Casei em 1989, tive dois filhos, e esses também casaram e formaram suas famílias. Meus pais se foram, sem internação em casa de repouso. Adalberto tinha horror a isso. O destino o levou aos quarenta e cinco anos, num acidente de carro, antes do meu casamento. Noêmia, que o acompanhava, dependeu de cadeira de rodas por mais vinte anos, aos meus cuidados e de minha noiva, agora esposa, Rebeca Moraes.

Em 2010, comemorei meu aniversário de 46 anos com meus entes queridos. No ano em questão, íamos mudar para uma casa maior. Noêmia falecera há cinco anos, e nada nos prendia mais ali. Quando fui encaixotar meus antigos pertences de infância, achei a moldura com a folha. O coração parou.

A folha dentro da moldura estava verde e inteira. Parecia exalar o aroma da floresta. Como aquilo foi acontecer?

Os filhos se encontravam no colégio e Rebeca arrumando as coisas deles, descartando roupas pequenas e brinquedos velhos. Sentei na cama, abri a tampa traseira do porta retrato, levantando as travas de metal, e toquei na amostra viva da natureza. O quarto girou, depois tudo escureceu.

Não caí no sono, me sentia bem disposto, mas para evitar um conflito interno, defini o que veio a seguir como sonho. Quando abri os olhos, a volta havia um campo aberto e algumas árvores grandes à frente. Céu azul e límpido acima. Andei, respirando um ar puro, revigorante. Duas crianças, um menino e uma menina, riam, de costas para mim. O menino raspava o tronco de uma das árvores. A uns quatro metros, notei o contorno do coração, com a inscrição “Honório e Janice”.

“Meu Deus, esses jovens são meus avós!”

Chamei-os, porém eles nem olharam para trás. Trocaram um selinho romântico, que talvez durasse bem mais se uma enorme folha não caísse entre eles e os assustasse. O garoto pegou-a do chão e disse que ia guardá-la. Janice riu perguntando se ele realmente ficaria com ela. De mãos dadas, se afastaram mata adentro. Ia atrás deles se uma voz conhecida não me invocasse pelas costas:

— Igor, fico feliz que tenha vindo e visitado meu jardim mágico.

Girei cento e oitenta grau e lá estava Honório, com a idade que o vira da última vez, todavia, saudável, caminhando ereto em minha direção, com uma roupa social toda branca. Abracei-o com força, sentindo a pele, o cheiro da roupa nova, tudo real. Controlei com supremo esforço os soluços, porque precisava entender aquilo.

— Vô, sonhei com o senhor outras vezes, mas não como agora.

— Não é sonho, meu neto. A folha que tocou é um portal que te trouxe para este lugar, num universo paralelo, onde o tempo retrocede. Assim posso reviver minha memória mais feliz, infinitamente.

— Mas...como conseguiu criar esse portal? É só dizer umas palavras mágicas?

— Não fui eu, foram os outros “homens de branco”. Os anjos, Igor. Com a permissão do Criador, eles podem fazer tudo, até criar portais. No ano de 1970, logo após a morte de Janice, percebi que não viveria mais sem ela, talvez nem outro mês. Aí os anjos me visitaram numa visão e disseram que ela vinha me buscar dali a três dias. A mensagem sucedeu poucas horas antes de você e sua mãe me visitarem. Fiquei ansioso, nem pude me alimentar. Na data e hora marcados, passei os dedos por baixo do vidro da moldura e toquei na minha recordação física. Os

anjos trouxeram minha alma, enquanto o portal trouxe meu corpo físico para cá. Talvez agora você entenda porque muitas pessoas somem e nunca são achadas.

Ele sorriu e aguardou eu absorver tudo aquilo. Depois acrescentou:

— Você não morreu como eu, está aqui porque alimentou todos esses 40 anos o desejo de desvendar o meu paradeiro. E esse desejo gerou uma energia que foi canalizada na minha lembrança, que ficou em seu poder. Por isso, a folha voltou a ficar nova e verde, como quando caiu da árvore. E ativou o portal de novo para que tivesse suas respostas. Agora, pode se mudar com o sentimento de dever cumprido.

Lágrimas quentes rolaram até meu queixo, as palavras entalaram. Então o ambiente começou a se dissolver, como uma pintura borrada.

— Minha vista está turva, parece que vou desmaiar...

— O seu tempo aqui está acabando, Igor. A permanência de um ser vivo em outro universo por mais de cinco minutos pode provocar um colapso no espaço-tempo. Seja feliz com sua família, meu neto. Boa sorte e lembre sempre que te amo.

— Obrigado, vovô. Eu jamais te mandaria para um asilo... te amo também...

Desmaiei. Acordei com um grito estridente de Rebeca, me puxando do leito:

— Onde estava? Procurei pela casa inteira, inclusive este quarto. Se escondeu no guarda-roupa?

— Ah, sim, ele está vazio. Então entrei e me escondi. Foi só uma brincadeira.

— Malandrinho! Olhei embaixo da cama e esqueci do guarda-roupa. E esse porta-retrato na sua mão, cadê a foto daí?

Desci o olhar e vi uma moldura vazia. A folha virara pó, decerto pela grande descarga de energia. Respondi que perdi a foto e fim de assunto.

Hoje, no quarto de minha casa nova, em março de 2017, meus filhos casados e minha esposa trabalhando, decidi contar minha melhor lembrança, quero dizer, a mais profunda experiência. No dia que os homens de branco vierem me buscar, no entanto, tomara que meu corpo fique neste universo, pois não quero ser o segundo desaparecido da família Santos Ferreira.

A Princesa e o Mago

Ayumi Teruya
pamelayumi7@hotmail.com

Nascida na Grande São Paulo em 1997, começou a escrever aos sete anos de idade e não parou mais. Autora do livro “E quem disse que eu sou normal?” e do conto “Amizade de Férias” da Antologia Entre Amigos, e blogueira no site Pandinando. Encontrou na escrita uma forma de se expressar, descobriu que o papel e a caneta possuem o poder de criar novos mundos e derreter corações.

As crianças correram pelo castelo fugindo o mais rápido que podiam. Naquele momento, Lívia só conseguia pensar em tudo o que havia acontecido para que chegassem até ali.

...

No dia anterior a princesa havia escutado uma conversa séria entre seu pai e o tio. Eles falavam sobre a sucessão ao trono, um assunto que vinha incomodando a corte real. Tio Julius dizia constantemente que Lívia não seria capaz de governar o reino e que Clebius, o rei, deveria pensar seriamente em mudar a linhagem real para o lado de sua família, fazendo com que Julius fosse o próximo na sucessão; mas Clebius negou-se deixando o irmão furioso.

A pequena garota havia escutado a conversa e nunca vira o tio sair da sala do trono tão irritado, ela viu o seu pai passar as mãos pelo rosto frustrado. No final, nem ele sabia ao certo o que seria melhor para o futuro do reino e isso causava tristeza em Lívia, ela desejava ser capaz de assumir este cargo tão importante, porém, sabia que suas características “especiais” tornariam essa tarefa muito difícil.

Naquela mesma noite, uma tempestade forte açoitou o reino e a princesa decidiu esconder-se em seu armário até que os trovões parassem. Segundos depois, ela ouviu um ruído, passos que faziam a madeira nobre de seu quarto ranger. Pela fresta da dobradiça do guarda-roupa viu um homem entrar em seu quarto, ele a buscou entre os lençóis com uma espada na mão. Ele estava ali para matá-la! Mas ao não encontrar a garota, fugiu pelos corredores do castelo para não ser encontrado em sua tentativa falha.

Nesse instante Lívia soube que teria que provar sua capacidade de reinar e decidiu que a maneira mais heroica de fazer isso seria derrotando o dragão tão temido por todos. A voz de seu pai ecoou em sua mente em uma frase que ele parecia repetir como um mantra: “Ela é capaz como qualquer um, só é especial”, “especial” essa era a palavra que Lívia aprendeu a odiar

por seu significado eufemístico.

A princesa juntou o necessário e saiu pela floresta densa em meio a chuviscos, levou uma grande tocha para iluminar o caminho, mas a chuva engrossou fazendo com que o fogo se apagasse. Desesperada e com medo de ficar sozinha na escuridão, encontrou uma caverna e decidiu entrar para descansar um pouco, logo, notou a presença de alguém, não parecia ser um adulto então soltou todo o ar que prendia de receio.

Cumprimentou a pessoa com um singelo “olá” em meio a escuridão, mas não houve resposta. Ela tentou novamente comentando que a caverna era muito escura e que isso a incomodava um pouco, após escutar o comentário da garota, a presença estranha bateu palmas e as tochas se acenderam revelando um garoto de sua idade sentado no chão. Ele encarava uma parede cheia de números e balançava para frente e para trás abraçando suas pernas contra o peito.

— É falta de educação não olhar para os outros enquanto falam — disse Lívia para chamar sua atenção, ela estava curiosa, nunca havia visto um garoto fora do castelo.

— Eu não sou capaz de olhar nos olhos das pessoas — ele finalmente respondeu e virou-se para encará-la.

Bruno ficou curioso, nunca havia visto uma garota com feições tão diferentes, queria saber mais sobre ela, mas logo mudou de ideia. O povoado dizia que ele era incapaz de sentir empatia, algo que nem sabia o que era; por ser “especial” e filho de um mago poderoso, foi condenado a viver em uma caverna por toda a eternidade. Todos tinham medo do que ele seria capaz de fazer, inclusive o pai, que temia os episódios de descontrole do filho. Bruno não se importava com o exílio, passava o dia inteiro estudando os números, isso o fascinava. Mas nesse instante, Lívia o fascinava.

— Seu rosto, posso? — ele apontou para sua face e ela assentiu animada.

O garoto tocou em suas bochechas sentindo suas feições e notou uma energia pura percorrer o corpo da garota. Lívia achou aquilo divertido, ninguém nunca havia se interessado por sua “maldição” de uma forma positiva, as pessoas geralmente procuravam não encará-la por muito tempo.

A princesa explicou que era “especial”, contou sobre suas palmas da mão diferentes, problemas motores, olhos puxados e problemas de dicção. Bruno nunca esteve tão animado, finalmente havia encontrado alguém tão diferente quanto ele. Os

dois eram “especiais” de formas distintas, ele contou que tinha algo chamado Asperger e que via o mundo de outra forma, sentia coisas que mais ninguém era capaz. Lívia não se importava com isso e achou o máximo o fato dele ser um mago.

— Você poderia me ajudar, quero mostrar que sou como os outros — falou sentando-se ao lado do garoto.

— Mas você não é — respondeu um tanto confuso.

— Seremos se derrotarmos o dragão!

E foi assim que os dois saíram juntos em busca do animal. Para Bruno foi fácil, seguiram um rastro luminoso que somente ele conseguia ver. Depois de percorrer os caminhos densos da floresta, encontraram um castelo de pedra abandonado. O musgo havia tomado conta das frestas e as paredes estavam sujas de terra.

Lívia e Bruno entraram sem medo. O lugar estava escuro e eles tiveram que apertar os olhos para ver algo; ao final do salão principal, as crianças enxergaram duas luzes e correram até elas. Lívia aproximou-se e tocou a parede em busca das tochas, mas sentiu uma pele dura e escamosa; aquilo, na verdade, eram as narinas do dragão acesas pelo fogo que cultivava em sua boca.

O animal despertou e, nervoso decidiu atacá-los demonstrando que não estava contente com os visitantes.

Por serem pequenos, conseguiram entrar em um buraco um pouco menor que eles, que se encontrava na parede de um corredor longo. Lívia sabia que não poderiam ficar ali por muito tempo, o dragão os encontraria logo. Naquele momento de tensão, ela teve uma ideia. Bruno escutou o plano com atenção e a ajudaria em tudo, não era tão difícil, mas precisariam contar com a sorte.

O garoto saiu primeiro, ele teria que distrair o dragão enquanto Lívia enchia com água um capacete de uma armadura velha que encontraram no meio do caminho. Por conta da chuva do dia anterior, o castelo estava cheio de poças e ela poderia facilmente cumprir sua parte do plano.

Ela ouviu Bruno gritar e saiu correndo preocupada com o capacete cheio de água em suas mãos, chegou ao salão principal e viu que o animal havia encurralado o garoto. Ela gritou chamando a atenção do dragão que foi atrás dela logo em seguida, mas antes, ela havia posicionado o capacete em um lugar seguro e torceu para que Bruno pudesse fazer a sua magia.

O dragão encurralou a princesa e abriu a boca preparando-se para cuspir fogo. Bruno, com a pouca habilidade mágica que

havia desenvolvido, conseguiu levitar o capacete com água e o jogou na boca do animal. Lívia deu um salto desajeitado e caiu sobre seu focinho fazendo com que ele se engasgasse com a própria fumaça. De repente, uma luz forte irrompeu o lugar e uma fada de feições miúdas apareceu.

— Parabéns! Vocês derrotaram o dragão e ganharam um desejo — ela sorriu e ao notar que as crianças eram “especiais”, acrescentou — Posso curar vocês.

Lívia estava com os olhinhos brilhando, era exatamente o que queria. Não aguentava ser julgada por toda a corte e não sabia como os súditos reagiriam se um dia ela assumisse o trono. Queria ser normal uma vez na vida.

Bruno estava nervoso e controlava seu corpo para não debater-se em um ataque de ansiedade. Ele sabia sobre o desejo de Lívia de ser normal e no fundo ele também queria, mas sentia que algo estava muito errado.

— Liv, posso falar com você a sós? — a garota assentiu e os dois se afastaram da fada. — Qual era o propósito disso? — falou sério.

— Derrotar o dragão e mostrar que eu sou normal — ela abriu um sorriso animada, finalmente seu desejo se tornaria realidade.

— Não, você veio mostrar que mesmo tendo suas diferenças, você é capaz de fazer o mesmo ou até mais que eles. Se você pedir para ser como os outros, só será uma a mais e acabará com aquilo que a torna especial. Você fez com que eu, um garoto apático, saísse da caverna para ajudar a uma pessoa real. Você não precisa ser normal para fazer o bem, só precisa ser você mesma.

Ao escutar suas palavras, Lívia fechou os olhos e fez o pedido sentindo um formigamento na barriga; ao abri-los, os dois voavam sobre o reino montados no dragão, sentiam o vento refrescante acariciar seus rostos. Os moradores da região saíram de suas casas para descobrir o que estava acontecendo e os viram voar contentes sobre suas cabeças. O pai de Lívia a encarava orgulhoso. Ela não havia pedido para ser normal, porque de certa forma ela já era. Pediu para que o dragão fosse amigo dos dois, isso sim a faria feliz.

Fábula da Mágica Mentira

A energia que possibilitou a realização do ritual, retirou-a de uma dessas convulsões sociais que de tempos em tempos convergem em todos os planos, quando através do previsto pela configuração astral do Cometa Meteoro com as Linhas Abissais Anômalas, apresentou-se em local e momento corretos para absorvê-la de uma das maiores já vistas, que ceifou incontáveis vidas de toda e qualquer espécie jamais existente.

Nos parapeitos e sacadas das beiradas dos cantões de todos os universos, sacerdotes e altos-dignatários de variadas designações esotéricas reuniam-se com grupos seletos de pupilos, herdeiros e familiares exigindo atenta observação. Tantos e tão diferentes mestres; uma única recomendação: - Alá a merda que rola quando profanos se metem a desencadear eventos!

Juniki, o mais novo e promissor dos filhos de Bierklaus, Sumo-Sacerdote e líder supremo dos místicos do Horto Negro, torceu nervosamente a barra de sua toga cerimonial e encolheu-se quase imperceptivelmente ante a magnitude e o espectro das forças desencadeadas. Seu experiente e poderoso pai, tratou porém de tranquilizá-lo: - Susse fry, a possibilidade de manipulação de tais energias é proporcional ao caráter lobisômico daquele que as invocar. Um afetado a vampírico com intenções claramente calculistas como este jamais teria a força de vontade necessária para dominar tamanha fúria. Ele será consumido pela própria ambição.

Mas em vez de implodir e consumir o profano em seu centro, a enorme massa de radiação incandescente, como que impelida por sua vontade, expandiu-se em espirais sucessivas até assumir a forma daquilo que parecia em seu exterior uma estrela de sete pontas com os vértices perfeitamente alinhados com cada um dos portais de observação, levando em múltiplas realidades o astrônomo amador Ricky Padeiro a exclamar simultaneamente: - Um flambant!

Do interior porém, a situação era inversa. Os vértices é

que formavam pontes invisíveis ligando as estrelas e os portais, através dos quais irrompiam instantaneamente alcatéias desordenadas de incontroláveis chamas lobisomórficas, torrando os observadores nas sacadas e parapeitos dos confins dos cantões dos universos, os fracos na mesma hora, os fortes um segundo depois.

Descendo da cabine da estrela – que agora permaneceria ligada por pelo menos cinco eternidades, impedindo definitivamente através de exaustão por consumo qualquer tentativa de reexistência por parte dos habitantes dos portais - o profano foi recebido por uma multidão de aturdidos acólitos, que pela primeira vez testemunhavam uma bem-sucedida prática de resistência ao tão afamado ritual de suicídio.

Através dos éons o inusitado de um tal feito geraria especulações sobre como um ser de características eminentemente vampíricas domara o cão, sendo que de cada vez que alguma lhe chegava ao conhecimento, o profano gargalhava rios de cachoeiras; tanto celebrando a feliz coincidência triste que o despossuía frente ao mundo a caminhar em quatro patas, quanto desdenhando da burrice analítica de seus estudiosos, que por medo ou preconceito, sempre se furtavam à aproximação que permitiria um entendimento detalhado sobre a natureza da besta, cuja insuspeitada consciência não necessitava para orientá-la em direção ao caminho desejado mais do que a força de vontade necessária para convencê-la da honestidade de seus propósitos. Ainda que mentirosos...

E de cada vez que isso acontecia, a multidão de acólitos que sempre o cercava qual moscas rolando bosta; por sua vez limitava-se a exclamar entre sussuros: - Esse profano é doidão!

Paulão Fardadão Cheio de Bala

fogopreto@gmail.com

Paulo Eduardo Gonçalves (Paulão Fardadão Cheio de Bala) paranaense de Ponta Grossa, residente em Curitiba. Premiado em quatro ou cinco edições de concursos e variados em sua cidade natal. Autor de O livro negro da poesia, uma compilação de textos originalmente publicados no blog Seuvício Gratuito de Suicídio Emocional.

O Esconderijo

Aviso de Gatilho: estupro e assassinato

Glaucia Brum
glausbrum@gmail.com

É formada em Licenciatura em Música e Letras. Finalista em concursos como Roteiro PUC, Prêmio Carreira Literária e Concurso Nacional da Cidade de Lins, divulga seu trabalho no site www.glauciabrum.com.br. Neste ano, seu poema Ode ao Ócio integrará a Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea, da Chiado Editora.

1

- Por que ainda olha pra lá?
— Estou com medo.
— Medo? Já disse que não há mais o que temer.
— Eu sei. Mas.
— Fique tranquilo. Ninguém pode nos encontrar aqui. Estamos a salvo.
— Tem certeza disso, mamãe?
— Sim, claro que tenho.
— Mas ele está tão perto. Seus olhos continuam a procurar a gente e parece que vão nos achar a qualquer instante.
— Não diga bobagem! Aqui estamos protegidos, seguros!
— Mas.
— Mas o que, filho? Eu não prometi que nos livraríamos dele pra sempre?
— Sim, mas.
— E não foi isso o que eu fiz?
— Foi. Mas, se ele decidir atravessar, não vai nos descobrir?
— Não acredito que ele tenha coragem de atravessar, meu filho. Só os fortes, os verdadeiramente fortes e corajosos o fazem.
— Como eu e você?
— Sim, como você e eu.
— Mas, por que ele olha pra cá, como se soubesse que a gente não está tão longe assim? Será que ouve o que a gente fala?
— Não, não ouve.
— Talvez a gente esteja falando muito alto e ele nos escutou em algum momento...
— Não, filho, isso não é possível.
— Mas você disse que a gente ia para bem longe daqui e que não o veria nunca mais!
— Eu sei.
— Então, por que a gente continua perto dele?
— Eu não sei.

— Ele vai descobrir, mãe, tenho certeza. Ele vai encontrar a gente e tudo o que fizemos não adiantou nada!

— Não diga isso, filho! Olha pra mim! Presta atenção: ele nunca vai nos encontrar aqui e o que fizemos não foi à toa! Entendeu? Diga: você entendeu que o que fizemos não foi em vão, que valeu à pena? Diga!

— (...)

— Você confia em mim, não é, filho?

— Confio. Mas, mãe, eu estou com medo, muito medo.

— Meu filho, você não precisa mais temer coisa alguma.

Lembra o que eu disse antes de partirmos?

— Sim. Disse que ele não nos machucaria mais, que seríamos livres pra sempre, que não sentiríamos mais dor ou medo ou tristeza.

— Porque

— Porque pra onde a gente estava indo, os vivos não podiam machucar os mortos.

2

Uma estranha sensação, é esta.

Está dormindo ou acordado? Não pode distinguir um estado do outro, pois o mundo do sonho se mistura ao real.

O homem está confuso, perturbado. Carregando um peso opressivo, sua cabeça parece zonga como se submersa em muitos litros de água podre. Contudo, ele nada bebeu noite anterior. Embora quisesse muito, o trabalho tornou impossível sua entrega a qualquer gota de álcool.

Nesta manhã, ele deve estar inteiro e focado pra a reunião com o CEO alemão. Gorducho esperto. Se o cara de bunda farejar alguma fraqueza, a empresa perderá milhões de dólares. Quantia essencial pra erguerem a nova filial europeia.

Há mais alguém no quarto. Não. Não pode haver. Naquela noite, ele retornou pra casa só.

Debra pediu pra dormirem juntos, mas ele sabia que o melhor era não levar outra mulher pra dentro de casa. Está muito recente. As pessoas podem comentar, concluir algo de maneira equivocada. Não que se preocupe com a opinião alheia. Ainda assim, precisava ser cuidadoso. Mentiras penetram mais profundo as mentes das pessoas que palavras verdadeiras, pois somos mais vulneráveis e inclinados a crer em falsas histórias, enquanto a realidade apenas resvala nossos ouvidos.

Estava na cama, deitado; todo o corpo parecia envolvido com cordas muito grossas, enquanto, de algum lugar acima dele, aquela mesma sensação de opressão sentida na cabeça o esmagava contra a cama. Ele tenta se mexer, mas é um bloco cimentado. Ao se esforçar pra abrir a boca e soltar um grito, os lábios permanecem costurados. Apesar disso, todos os outros sentidos pareciam ainda mais aguçados.

Enxerga cada pequena sombra, sente até mesmo o mais fraco odor. É capaz de ouvir o zunido de asas de mosquitos, o murmúrio de alguma criança e o *craquecraque* dos móveis nos demais cômodos, inclusive nos do andar de baixo.

Mas não há muitas cores cobrindo paredes e móveis, além de tons prateados, negros e acinzentados. Tudo ao redor dele cai sob uma névoa estranha e brilhante.

Alguns minutos antes, ele ouviu passos vindos do corredor. Mas quem quer que estivesse ali preferiu manter silêncio, enquanto o homem, com um grito amedrontado, que soou apenas em sua cabeça, exigia que ele mostrasse logo o rosto.

Ao longo do corredor, os passos iam e vinham como se a pessoa não conseguisse decidir entrar ou não no quarto. Então, de súbito, pararam muito próximos à porta, e o homem soube que, de algum modo, o olhar do intruso o espiava através da parede.

Parecia um pensamento estúpido. Mas, se de fato ele se encontra num sonho, aquilo não seria impossível. Caso contrário, após longos anos praticando boxe, sua mente, enfim, ficou fodida.

Jaime.

Um sussurro sombrio e frio soou dentro do quarto, arrepiando seu corpo inteiro.

— Quem está aqui?

Ao mesmo tempo em que perguntava, o homem lutava contra as cordas invisíveis. Mas, quanto mais se esforçava mais atado se tornava o corpo.

Jaime.

Com o som do segundo sussurro, o coração do homem deu um salto e, cada vez mais rápido, passou a galopar.

Um nome surgiu em sua mente, mas ele não ousava acreditar em sua imaginação, pois, caso assim não fizesse, aquilo não seria apenas um equívoco. E a coisa não sairia dali nem desapareceria de uma vez por todas.

Mas fingir que aquilo não acontecia não calou a voz, nem

provocou o fim dos calafrios, nem mesmo o quietar de seu coração. Subitamente, então, a força misteriosa e terrível começou a sufocá-lo.

— Por deus, não!

Se é um sonho, ele quer acordar logo. Mas não. Continuou preso no pesadelo insano, incapaz de escapar da força invisível que o tocava. Nunca se sentiu tão apavorado e confuso, como naquele momento.

Prazer e nojo o tomavam, enquanto se questionava se ele transava com uma mulher-demônio.

— Pare com isso! Pare, pa-

Enfraquecido, implorava o fim daquele estupro, até, enfim, sucumbir ao poder. Terrível e poderoso demais pra ser resistido por muito tempo.

Então, todas as ataduras, toda opressão, e prazer, e nojo, tudo acabou de súbito.

Com um grunhido alto, Jaime despertou, observando ao redor com olhos próximos ao choro. Sob a luminosidade da madrugada, o quarto reapareceu e o homem estava completamente sozinho. Durante o restante da noite, seria impossível voltar a dormir.

Cambaleando, ele caminhou à cozinha, atrás de água para refrescar a garganta. Tanto o copo em suas mãos quanto seu corpo tremiam muito, embora fosse uma noite quente. Sua mente, repleta com as lembranças daquele pesadelo, desistiu de tentar entender o que havia ocorrido no quarto. Apenas não queria voltar a ser dominado por algo tão terrível. Mas nada dependia de sua vontade.

— Mãe! Onde você foi? Pensei que tivesse me abandonado pra sempre.

— Não, meu menino. Nunca! Eu sempre estarei com você. Não tenha medo, certo?

— Mas por onde você andou? Chamei seu nome várias vezes. Mesmo assim, não me ouviu.

— Eu. Me desculpe, filho. Fui caminhar no jardim. A noite está tão quente e agradável, não é mesmo?

3

Ping! Pong! Ping! Pong!

O garoto brinca. Ping! Pong! Cada vez que arremessa a bola na parede, um belo quadro salta mais um pouco.

Ping! Pong! Ping! Pong!

Está se tornando muito bom neste jogo. Antes, há um mês apenas, a bola escorregava de suas mãos como se estivessem ensopadas de manteiga derretida. Agora, porém, ele é capaz de seguir sua queda e agarrá-la, ainda no ar, com firmeza.

Ping! Pong! Ping! Pong!

Sempre que a bola bate na parede, um som bastante alto e abafado ecoa ao redor da grande sala de estar. Parece uma dança. O garoto e a bola se aproximam e se afastam um do outro, conforme o ritmo tocado por eles dois.

Pra trás. Pra frente. Pra trás. Pra frente.

Se seus pés vacilarem mesmo por um segundo, você perde o passo e seu par cai direto no chão. Por isso, o garoto mantém o olhar na bola, enquanto os pés dançam a música. Os joelhos, ligeiramente dobrados.

Ping! Pong! Ping! Pong!

Oh! Como ele adora este jogo, este som, este ritmo! Se não fossem as reclamações do pai, o garoto jogaria ao longo de todo o dia, para sempre. Você vai estragar minha parede, seu moleque atentado! O pai costumava dizer, toda vez que o flagrava com a bola.

Mas, agora, ele não está aqui.

Ping! Pong! Ping! Pong!

Mais e mais forte, o garoto lança a bola sobre a parede, sem prestar atenção na pintura, a qual oscila de modo perigoso. Na verdade, a própria sala de estar parece pular, e tremer, e rugir como se um gigante chegasse cada vez mais perto.

Ping! Pong! Ping! Pong! Pra trás, pra frente. Pra trás, pra frente. Vai. Vai. Vai!

É um homem muito, muito mal, seu pai. Bate, grita, resmungo. Sempre insatisfeito. Nunca capaz de mostrar amor ou sorrir. A mãe diz que o trabalho exige muito dele, por isso, papai fica tão zangado, impaciente e preocupado o tempo todo. Mas ele nos ama! Não. O garoto acha que isso não é verdade. Se seu pai tivesse pedido, o garoto teria ajudado a tirar o peso de seu ombro, quando ele trabalhava em casa até tarde. Ele era bom em matemática e dona Marta costumava dizer que as histórias escritas por ele eram criativas e engraçadas. Uma delas chegou a fazer parte do jornal da escola.

Saia daqui! O que você quer! Deixe-me em paz! Eram as pa-

lavras do pai sempre que o garoto se aproximava dele ou entrava no escritório da casa.

Pentelho! Idiota! Bobo! Perturbado!

Ping! Pong! Ping! Pong!

Tudo aconteceu tão rápido, de repente e ao mesmo tempo, que o garoto não pôde fazer algo pra evitá-lo e, muito menos, correr. Ao invés, ficou paralisado, olhar arregalado, enquanto via a bola atingir a parede com muita força, e a pintura cair sobre a bancada, rachando o vidro, e a porta se abrir, mostrando o rosto do pai. Confuso.

Por instantes, o homem observou a bola rolar no piso até parar de súbito, como se alguém tivesse interrompido seu movimento. Porém, ele era a única pessoa no grande cômodo.

4

— Jaime, isso é loucura.

— Estou dizendo a verdade!

— Entende o que acabou de contar? Eles estão... mortos.

— Eu sei! Mas, acredite, Debra. Tem alguém ou algo nesta casa!

— Por isso me convidou hoje? Está com medo de ficar sozinho.

— Não ria de mim!

— Desculpa, mas isso é estresse pela negociação com a Alemanha, e depois do que Cecília fez. Não quero falar sobre isso!

Abrupto, Jaime levantou da cama e caminhou até a varanda do quarto. A tesoura do jardineiro ditava o ritmo do início da manhã. Lembrava ao mundo que a hora de acordar havia chegado. Jaime se debruçou no parapeito e, por instantes, esqueceu as preocupações até sentir o toque gelado no ombro. Sobressalto. A tesoura calou o sibilar. Do meio dos arbustos, o jardineiro escutou o seu grito e viu quando ele começou a discutir com a amiga da falecida dona Cecília.

Balançando a cabeça de um lado a outro, o homem tirou os olhos da varanda. A tesoura voltou à poda.

— Jaime, você está muito assustado! Melhor ir a um psicólogo!

— Está me chamando de maluco?

Olhos injetados. Veias da testa e pescoço altas. Embora tantas vezes tivesse ouvido os relatos de Cecília, era a primeira

vez que Debra testemunhava aquela face de Jaime. Por reflexo, deu um passo pra trás, sentindo o coração saltar um pouco mais acelerado.

— Desculpe, Debra.

Ela tentou sorrir e retribuir beijo e abraço recebidos, mas demorou alguns minutos até ficar mais tranquila.

Enquanto tomavam o café da manhã, na mesa dentro do quarto, juntou coragem e sugeriu a Jaime que doasse os pertences da esposa e do filho. Durante um tempo, ele continuou a passar requeijão no pedaço de torrada já empanturrado com a cobertura. Mordeu o pão, mastigou, engoliu e, só após um grande gole de suco, a voz soou.

— Você tem razão. Já era pra ter me livrado de todo esse lixo. Por que não fica com as coisas de Cecília?

Que nojo usar algo de uma morta! Se bem que aquele vestido verde, que ela usou no jantar da empresa, na semana do, da, bem era lindo. Ah, o *cashmere* trançado também. Levantou e foi direto ao *closet*. Já usava o vestido por cima da camisola, quando sentou de novo, diante de Jaime.

— O que achou?

— Linda.

— Ela era uma chata e com péssimo gosto. Só comprou este, porque eu ajudei. Acho que mereço mesmo este ves-

O trançado se enrolou ao pescoço de Debra. Ela estende o braço na direção de Jaime, paralisado de pânico, e tenta se livrar da força. A luta durou muito, muito tempo. Talheres, copos. Tudo no chão. A cadeira tomba de lado, junto com Debra.

— Mãe! Pare! O que está fazendo? Mãe!

O *cashmere* despencou. Jaime correu até Debra, mas encontrou morte.

— Filho! Porque veio aqui? Não, não devia ter visto. Não era para você.

— Mamãe...

... o que está acontecendo.


Os Arranhões do Manco

Ela ouvia uns arranhões. Não conseguia seguir a leitura com aquele som irritante lhe consumindo a paz. Quase 3 horas da manhã e a leitura não progredia. Ela odiava essa leitura por obrigação, esses livros da lista do mestrado que era obrigada a ler, como vendedor tentando bater meta. Eram linhas e linhas, desafiando-a, desenhando no papel a frase retumbante do professor: “Ninguém vai chegar a lugar algum se não passar por minhas graças antes.”. Era um velho soberbo e de humor sem graça, que carregava o péssimo hábito de aliciar as alunas como se aquilo devesse representar para elas um mérito. Um fio grosso de asco lhe percorreu a espinha. Arrepiou-se ao imaginar a visão daquele homem lhe beijando o pescoço. “Eca”, ela pensou. Precisava concluir. Os arranhões que se lascassem para lá. Não dava para correr o risco de estudar mais um semestre com o velho. Retomou a leitura. Várias a várias linhas sobre o surrealismo na Pedra do Sono. Enquanto tentava progredir com a leitura, aquele ruído continuava a realizar seu intento azucrinante e partia de algo que roçava loucamente em alguma tábua grossa e velha, que ela não se lembrava de já ter visto por ali.

Scratch, scratch, scratch... O tempo todo. Voltou a vista para o livro. Era preciso resignar-se e continuar. A casa era velha, ora. Odiava poemas, odiava a métrica e a maldita rima da poesia, mas o merdinha do professor era doutor em João Cabral e louco especificamente por este livro. A avaliação seria sobre Pedra do Sono, não havia escapatória. Era o único jeito. Quase 3 horas da manhã. O relógio era um carrasco implacável. A prova às 8 da manhã e ela enrolada aquele horário. Talvez fosse um esforço em vão, puro paliativo. Scratch, scratch, scratch... Os sons aumentaram significativamente. De onde vinham? O gato apurou os ouvidos, fez um ar de desconfiado, olhou para ela querendo transmitir alguma mensagem. Ela não entendia

Rândyna da Cunha
randynapaula@gmail.com

Nasceu em Brasília, 1983. É professora e conteudista EaD. Tem contos publicados em revistas literárias brasileiras, como *Philos*, *Aversa* e *Subversa*. Foi selecionada no IX Concurso Literário de Presidente Prudente. Participou da antologia *Folclore Nacional: Contos Regionalistas da Editora Illuminare e das coletâneas literárias Vendetta e Tratado Oculto do Horror*, da Andross Editora.



língua de gato e ele se enervou. Pulou do sofá e correu para a cozinha. Ela decidiu acompanhar aquele movimento repentino do bichano para fazer um café. Em fúria determinada: viraria a noite e o café seria o combustível.

Estava agachada procurando a chaleira no armário, quando observou que o gato implicara com algo no assoalho embaixo da mesa. Agora eram dois sons de arranhões, os do gato e os anteriores. Estranhamente, os arranhões anteriores pareciam vir da cozinha. O gato arranhava e em resposta, algo arranhava de volta. O relógio de pulso apitou, indicando 3 horas da manhã em ponto. De repente, o gato saltou tão assustado que bateu contra a mesa. Correu atordoado para fora da cozinha, sumindo da vista dela. Agora eram batidas, embaixo da mesa. Ela arrepiou-se. Eram punhos cerrados, batendo na madeira do assoalho embaixo da mesa, intercalados por arranhões vibrantes e frenéticos. Ela estava paralisada, olhando para o local de onde os sons brotavam. Tinha a impressão de ver a madeira vibrar a cada batida. Era uma casa velha, as longas ripas, que compunham o chão, muitas vezes estavam soltas. Aquela casa tinha sido um mau negócio, a mãe avisou, mas ela era teimosa como uma mula. Casa velha, em bairro antigo, vendida a preço de banana e cheia de estruturas em madeira – castelo de cupins – foram as palavras da mãe. Agora ela pedia a Nossa Senhora do Desterro que fossem mesmo cupins. Uma leva enorme de cupins, um amontoado deles. Uma rebelião deles, que numa revolta inusitada estariam a todo custo tentando expulsá-la de seu tão anteriormente reivindicado lar. Palavra de mãe era pior que maldição de cigana, teimar contra mãe era fatalidade na certa. O barulho cessou, ela apurou os ouvidos e ficou aguardando... Nada. Era uma casa velha, pouco depois de 3 horas da manhã, estava cansada, a mente havia trabalhado demais. Provavelmente, eram ratos e a mente ampliou a festinha deles embaixo do assoalho. Ela não estava bem, não dava para estudar mais. Finalmente, descongelou. Voltou a procurar a chaleira. Havia substituído a ideia do café por um chá de capim-santo, assim dormiria melhor. Aceitou que o professor velho e assediador seria seu futuro por mais um longo semestre.

Enquanto aguardava a fervura da água, lembrou-se da história que a velha dona da casa lhe contou no dia em que fez a mudança. Esse povo velho tem essa mania de contar história estranha de meter medo, especialmente, nas horas

mais estapafúrdias. No meio daquela confusão de caixas e móveis sendo descarregados, a velha andava atrás dela, para lá e para cá, contando uma história estranha sobre um tal manco, que surgia no beco no fim da rua. Dizia que ela jamais ficasse acordada às 3 horas da manhã sozinha, porque o manco roubava os espíritos nestes horários. No meio do seu vai e vem, ela olhava para a velha consternada e fingia prestar atenção. A verdade é que estava pouco interessada na história e sua mãe percebeu, tomando então o papel de ouvinte. Assim que finalizaram o descarregamento da mudança, os ajudantes se foram e a velha também. A mãe ficou para ajudá-la e começou a falar da história da velha. Com um ar impressionado, a mãe contou que a velha explicou que aquele bairro era muito antigo, mas que antes das casas serem construídas, habitava aquela região uma criatura longilínea, de pele enrugada e de cor marrom, sem orelhas, a boca era um rasgão, os dentes muito pontiagudos, as garras afiadas, os olhos vermelhos carmim sem pálpebras e uma língua negra e comprida, que ela movimentava para fora da boca como as cobras. De suas costas saíam longas e encurvadas protuberâncias negras, como se fossem chifres. Conforme as pessoas foram habitando a região, as casas foram sendo construídas. A criatura vivia em tocas, que mudava de local sazonalmente devido à urbanização crescente. Ocorre que essa mudança sazonal coincidia com um fenômeno insólito: ao lado de cada toca abandonada sempre era encontrado o corpo de uma mulher jovem nua, de olhos abertos vidrados, sem uma gota de sangue no corpo e arranhões profundos por toda sua pele. Os arranhões eram como verdadeiros cortes de faca e em quantidade tamanha que mal se podia contá-los. Aos poucos, comentários começaram a rondar a região e o autor de tais crimes ficou conhecido como o Manco, porque uma única vez, alguém viu de relance a criatura fugindo de uma de suas tocas e observou que uma de suas pernas era menor, provocando um estranho claudicar: era, portanto, manco. Isto não impediu que a cidade se instalasse ali e a última e definitiva toca de que se tinha notícia ficava exatamente no beco no fim da rua. A velha disse ainda que levaria qualquer um lá para mostrar a entrada da toca, um buraco pelo qual um adulto passaria se esgueirando, mas que segundo ela, daria num subterrâneo cheio de galerias, que poderiam dar acesso a muitos lugares daquele bairro. Ela deixou com a mãe um vaso pequeno com uma pequena arruda

crescendo e mostrou que em todos os jardins das casas próximas havia arruda plantada. A mãe explicou que a filha deveria cuidar da pequena arruda e plantá-la com as próprias mãos no jardim da frente, era este o costume para que o Manco não se aproximasse e não viesse buscar o próximo brinquedo. Suas vítimas eram para ele como brinquedos, que o divertiam durante algumas horas de tortura, depois ele se alimentava de seus espíritos. A arruda o mantinha longe, mas o dono da casa deveria plantá-la com as próprias mãos e cada novo dono deveria fazer o mesmo, uma arruda por uma família, era assim que funcionava. A mãe era supersticiosa e com firmeza exigiu que a filha cumprisse a tal simpatia, mal não faria. Ela riu da mãe, riu sem parar. Como ela poderia acreditar numa loucura daquelas, loucura de velha senil, a senhorinha já estava beirando os 90 anos de idade. A mãe se mostrou contrariada, chateada, por fim, para tranquilizar a mãe, ela prometeu cuidar da tal arruda, mas a verdade é que ela nunca pôs nem os olhos na planta, que morreu seca poucos dias depois.

Por algum estranho motivo, ela se lembrou dessa história absurda. Começou a ficar inquieta, a água não fervia, a cozinha ficou estranhamente fria, a nuca se arrepiou e o coração se angustiou. Mais uma vez os arranhões e desta vez mais fortes, algo estava sendo rasgado. Olhou ao redor, não havia ninguém, nem mesmo o gato. Averiguou a origem dos sons, era embaixo da mesa, não havia dúvidas. Resolveria. Nunca foi mulher de sentir medinhos à toa. Morava sozinha há muitos anos e nunca se impressionou com nada. Foi até a área de serviço e buscou uma chave de fenda, era de improviso, mas serviria. Afastou a mesa, os arranhões se intensificaram e as batidas voltaram. Começou a soltar a madeira do assoalho, enfiando a chave de fenda por entre as ripas e fazendo força. Eram ripas compridas, pesadas e velhas. Ela tirou a primeira, não havia ratos e o barulho continuou. Notou que havia um espaço abaixo da ripa e disso ela não sabia, não sabia que o chão de sua casa era oco. Tirou a segunda ripa. Neste momento, o gato apareceu na porta e deu um miado comprido, daqueles de mau agouro, que lhe arrepiou até mesmo a alma. Quando pôs a mão na terceira ripa para puxá-la, teve a impressão de sentir um hálito quente em sua mão, na parte que segurou o lado de dentro da ripa. Acabaria com isto agora. Puxou a ripa. No vão que encontrou abaixo das ripas, ele estava: o Manco. Recuou, cambaleou para

trás, enquanto via atordoada aquela figura hedionda deitada com um simulacro de sorriso. Tentava em vão levantar-se, mas as pernas não obedeciam. Lentamente a coisa saía do chão, com os olhos vidrados nela: o predador olhando para sua caça. A boca abria e fechava, ela tentava implorar pela própria vida. A água da chaleira ferveu, ela ouviu o borbulhar... Sentiu a língua viscosa passando por sua perna. O aroma de capim-santo exalou por toda a cozinha.

Rândyna da Cunha

randynapaula@gmail.com

Nasceu em Brasília, 1983. É professora e contadista EaD. Tem contos publicados em revistas literárias brasileiras, como *Philos*, *Aversa* e *Subversa*. Foi selecionada no IX Concurso Literário de Presidente Prudente. Participou da antologia *Folclore Nacional: Contos Regionalistas* da Editora *Illuminare* e das coletâneas literárias *Vendetta* e *Tratado Oculto do Horror*, da *Andross Editora*.

Pés Virados

A dez metros do chão, um homem de pele escura, cerca de trinta anos de idade, observava o desmatamento com uma mochila e um arco às costas. Seu nome era Altair Borja. Era um pesquisador de seres fantásticos: um criptozoólogo.

O ruído dos serrotes ecoava de forma compassada, perdendo-se entre as canções hilariantes dos madeireiros e a lamúria da Floresta Amazônica.

Ao meio-dia em ponto, e nem um minuto a mais, os madeireiros pararam o sincronismo e, um após o outro, foram abrindo suas marmitas.

Mal haviam começado a refeição quando um pedido de socorro se manifestou pelos quilômetros de área desmatada. Altair olhou para trás, assustado, pensando que a pessoa em necessidade estava logo atrás de si. Tornou a olhar para os homens: muitos haviam parado de comer, outros tinham se levantado. O pedido de socorro se repetiu. Dois madeireiros sentaram suas marmitas sobre as árvores caídas e correram em direção ao grito; os outros, porém, voltaram às refeições.

Passaram bem abaixo da pedra onde Altair estava. O criptozoólogo caminhou sobre a pedra, tentando não os perder de vista, à medida que os pedidos de ajuda davam lugar a gritos desesperados. Os homens apressaram os passos e Altair continuou seguindo-os pela encosta. Então a voz se calou. Os homens ficaram desnorteados, olhando para todos os lugares da floresta em busca daquela voz.

Um silvo melancólico entoou do lado oposto dos homens, como se viesse da região do desmatamento. Depois, o mesmo som ecoou às costas de Altair. Este se virou, mas nada viu. Entre os madeireiros, a confusão só aumentava. Já o criptozoólogo tinha quase certeza que o seu objeto de estudo, após dois meses, finalmente apareceria.

Não demorou muito, Altair ouviu outro pedido de socorro, porém, dessa vez, a voz era fraca e ele conseguiu decifrar o timbre de uma criança. Avistou o dono da voz a poucos metros abaixo da encosta: um menino de corpo esguio, sentado sobre o

chão, apalpando os pés voltados para trás, gemendo de dor. Altair ficou de joelhos sobre a quina da pedra, registrando aquela cena em sua memória fotográfica de desenhista.

Os homens correram até o enfermo e Altair ouviu sua conversa:

— Olha, é um garoto!

— Parece que está com as pernas quebradas. Olha como os pés estão tortos.

O menino gemia, com os olhos e a boca fechados. Não movimentava as pernas.

— Será que ele tem alguma doença? — o primeiro perguntou. — Nunca vi uma criança tão peluda.

— Ah, eu sei lá. Temos que ajudá-lo. Ei, garoto. Nós vamos te ajudar. Temos kits de primeiros socorros nos nossos caminhões.

— Obrigado. — A voz do menino era rouca e fina. Soltou uma gargalhada e num piscar de olhos, estava de pé, ainda com os pés virados para trás. — Mas não vou precisar.

Não posso acreditar! É ele mesmo.

Os madeireiros encaravam os pés virados da criatura e seus dentes verdes como esmeraldas, enquanto ela continuava a sorrir com os punhos fechados sobre o quadril.

— Q-Quem é você? — Um dos homens gaguejou.

— O Q-Que você é? — O outro quis saber.

— Hum! Como é mesmo que vocês humanos falam? Ah sim. Lembrei. Sou uma babá. E vou lhes colocar para dormir. Eternamente.

Os olhos do curupira se abriram, amarelos, enormes; o sorriso sumiu.

Dispondo de uma força sobre-humana a criatura atingiu os dois ao mesmo tempo, jogando-os cinco metros à frente. Com a velocidade de um guepardo, o curupira foi até um deles, agarrou-o pelos cabelos e o arrastou até o outro. Ambos gritavam e pediam clemência, mas o curupira respondia apenas com silvos, imitando um Uirapuru. Por fim, o protetor da floresta lhes entrecochou as cabeças até os homens dormirem para sempre.

Em seguida, escavacou os bolsos de ambos e Altair quando ele colocou um dos cigarros dos homens na boca. O curupira sentou-se sobre uma raiz exposta, rindo dos homens mortos ao chão, enquanto soltava fumaça pelo nariz.

Altair se tremia por completo. A razão lhe mandava pegar

lápiz e papel e desenhar a criatura sem perder mais tempo. O medo gritava para que ele corresse dali e confiasse na memória.

Decidiu seguir a razão. Sentou-se ao chão, pegou a mochila e retirou sua prancheta de desenho, porém, enquanto procurava o lápis, foi surpreendido pelo curupira. Em pé, ao seu lado.

— O que tem aí?

Altair perdeu a fala.

— Ah, olá! — Forçou-se a responder. A voz saiu trêmula. — É só a minha mochila. Não tem nada de mais.

— Posso ver?

Altair ficou confuso. Olhou o menino de cima a baixo, vendo os mesmos pés virados, os pelos grossos da cintura para baixo, os olhos completamente amarelos e os dentes verdes. *Será que existe mais de um? Este se comporta como uma criança.* Tentou olhar para o local dos assassinatos, porém a vista não alcançou.

— Era você lá embaixo? — Altair perguntou, sem saber o que fazer.

— Sim. Você estava me olhando, não era?

— Sim — teve que confessar —, mas não queria te fazer mal, nem à sua floresta.

— Eu sei. Se quisesse eu teria que te matar.

— Como chegou aqui tão rápido? — Perguntou, como se não tivesse escutado as últimas palavras do curupira.

— Ah, é fácil. Se você deixar eu ver a sua bolsa, eu te mostro.

Altair concordou.

Entre seus pertences, a criatura foi encontrar uma garrafa de cachaça e um cachimbo, junto a um saquinho de fumo.

— Isso aí é para você — o aventureiro disse. — Soube que você gosta.

— Gosto muito. Obrigado. E isto aqui, o que é? — O curupira indagou, mostrando um objeto de ferro retorcido para Altair.

— Isso aí é um quebra-cabeças.

— Ah, entendi. É pra bater na cabeça dos homens maus, certo?

— Não — Altair não conseguiu deixar de rir. — Não é esse tipo de quebra-cabeças. É que os homens dão esse nome aos brinquedos que nos fazem pensar. Deixe-me lhe mostrar. — O homem estendeu a mão e o curupira lhe entregou o brinquedo.

O criptozoólogo movimentou as peças demonstrando habilidade e o que antes era uma única peça, tornou-se duas.

— Você quebrou!

— Não! Não! — Altair se apressou em dizer. — Isso é o intuito da brincadeira. Olhe só — voltou a unir as peças curvilíneas de ferro. — Agora tente separá-las.

— Está bem. — O curupira sentou-se ao chão, mordeu a língua e começou a estudar as peças.

Enquanto isso, Altair passou a desenhá-lo. Em um dado momento, o curupira coçou a cabeça ruiva e o pesquisador viu sua orelha pontuda, tal qual as dos duendes, de quem tanto ouvira falar.

Será que ele também é um duende?

Altair já estava prestes a finalizar seu desenho quando ouviu um silvo curto, seguido de um longo e de outro curto. O curupira ergueu a cabeça e moveu uma orelha. Os silvos se repetiram da mesma forma.

Deixando o brinquedo cair ao chão, o curupira correu em disparada e pulou da pedra.

— Espera! — Altair pediu. — Eu vou com você.

Seguiu até a borda e viu a criatura cair, como se tivesse pulado de uma simples cadeira em vez dos dez metros da encosta. O homem voltou à mochila, reuniu seus pertences e começou a descer a pedra.

Foi encontrar o curupira dois quilômetros adiante, numa pequena tribo, conversando com um índio adulto e uma moça jovem, de pele clara, com algumas penas cobrindo-lhe o ventre.

— Ah, você veio! — O curupira exclamou quando o viu. — Que bom. Nina, Abaruna, esse é o Abaruna.

— Abaruna? — O criptozoólogo perguntou, confuso.

— Sim. Significa “amigo preto” na língua da tribo.

— Muito original — Altair contentou-se, olhando para os próprios braços.

— Repita a história para Abaruna, Nina — o curupira pediu. Ao contrário disso, a moça se escondeu atrás de Abaruna, assustada.

— Foi ele! — A moça apontou para o pesquisador.

— Tem alguma coisa a dizer sobre o roubo? — O curupira inquiriu a Altair.

— Roubo? Que roubo? Não sei de nada.

— Viu, Nina? Abaruna não está junto deles.

— Ele tem flecha — a moça insistiu. — É caçador.

— Não, não! — Altair se apressou a dizer. — Isso é só para

defesa. — Fez menção de tocar o arco nas costas, mas Abaeté abriu os braços, protegendo a moça e ele desistiu, deixando apenas as mãos arqueadas no ar.

— Não se preocupe Abaruna. Nina é muito sentimental. E se assusta com tudo — o curupira voltou os olhos para a moça e perguntou: — Para onde eles foram?

— Seguiram em direção ao Rio Madeira.

— Eles quem? O que aconteceu? — Altair quis saber.

— Traficantes! — Foi tudo o que o curupira disse.

Em segundos, desapareceu entre as árvores. A moça correu ao seu encalço, mas tinha apenas a velocidade de uma humana comum. Altair apressou-se atrás de ambos.

O peito gritava por uma pausa, mas Altair se forçou a continuar correndo. Ouviu um grito esganiçado ao passo que viu uma movimentação adiante. *Estão ali.*

Mais homens gritaram e o criptozoólogo chegou à conclusão óbvia: *Ele está matando um por um.*

Poucos metros depois, encontrou a moça, com dois corpos ao lado e o curupira imitando com perfeição o rugido de uma onça.

— Ele está se escondendo. Mas não será por muito tempo — o curupira falou. Depois colocou as mãos em concha na boca e deu um grito fino, fazendo a moça e Altair caírem, com as mãos protegendo as orelhas.

Quando o curupira se calou, um grito animalesco, ainda mais fino, entoou em resposta.

— Ouviu Nina? Estão naquela direção. Vamos!

Enquanto Altair tentava se levantar, a moça deu um pulo e se embrenhou na mata. Mais uma vez, o aventureiro ficou para trás.

Numa colina ali perto, o curupira corria de um lado para o outro em busca do traficante; a moça farejava o solo. Altair, por sua vez, subiu o morro e ao chegar do outro lado, avistou um homem gordo correndo em direção ao rio à frente, com uma gaiola na mão, olhando para trás assustado.

Filho da mãe! Então é isso?

Altair empunhou seu arco e atirou uma flecha certa, que foi se alojar bem no meio da coxa do ladrão. Para a própria sorte deste, não gritou. Talvez a adrenalina tenha camuflado a dor, contudo a perna se recusou a continuar carregando seu corpo obeso. O traficante caiu um metro depois, soltando a gaiola.

Chegando até ele, Altair aconselhou:

— Esconda-se!

— Desgraçado! O que você fez?

— Salvei sua vida. Agora vá! Esconda-se! Se o curupira lhe pegar não será tão amável como eu.

— Curupira? Você está maluco homem. Me acerta com uma flecha e vem falando em curupira? Isso é história pra criança.

— Que os seus amigos vão contar no inferno. Se quer ficar aí tudo bem. Fique! Morra! Eu fiz a minha parte.

Altair correu até a gaiola, retirou o pano que a cobria e viu um filhote de macaco-aranha, assustado.

— Calma, amiguinha. Está a salva agora.

Quando Altair se virou, o homem não estava mais ali.

No fim ele não era tão burro.

Então ele retornou ao curupira e a Nina.

— Aquitã! — Nina correu contente até Altair. O homem abriu a gaiola e a macaca saiu, entrelaçando-se no braço esquerdo da moça.

— Cadê o ladrão? — O curupira inquiriu.

— Deixou a gaiola para trás e fugiu.

— Vou atrás dele.

— Deixe isso para lá. Depois do que você fez aos amigos dele, jamais voltará a importunar a floresta. Por que ao invés disso não me conta qual é a história dessas belezinhas aqui? Adoraria ouvi-las.

— Está bem. Vou lhe contar. Aquela cachacinha ainda está aí? — O curupira voltou a falar como uma criança e abriu seu sorriso esverdeado.

— Sim — Altair afirmou, divertindo-se.

— Aquitã é a única filha do último casal de macacos-aranha que existe. A mãe dela está prenha e estamos na torcida que seja um macho. É a nossa chance de salvar a espécie da extinção. — O curupira tomou uns cinco goles da aguardente de uma só vez.

— Então ela é ainda mais importante do que eu supunha. E a moça?

— Eu achei ela perto do Rio Purus há uns dez anos. Era filha de um fazendeiro da região. Fugiu de casa por não concordar com as crueldades que o pai fazia contra os animais e acabou se perdendo na mata. Cuidei dela e a alimentei, mostrei para ela as maravilhas da natureza, então acabou decidindo me ajudar a

cuidar da floresta.

O curupira tomou mais uns goles da cachaça, colocou a garrafa embaixo do braço e pegou o cachimbo. Altair o encheu de fumo, mas não conseguiu encontrar seus fósforos.

— Desculpe, acho que perdi os fósforos — o criptozoólogo confessou.

— Não tem problema — o curupira arrancou um fio vermelho da própria cabeça e o colocou dentro do cachimbo, junto ao fumo. Em seguida, assoprou, e uma pequena chama se fez, acendendo o cachimbo.

— Você não para de me surpreender — Altair admitiu, sorrindo.

O curupira sorriu, deu uma tragada e disse:

— Vamos voltar.

Quando chegaram à tribo de Abaeté, este tinha nas mãos uma criatura peluda e cinzenta. A mãe de Aquitã tinha tido um filhote.

Um filhote macho.

Adeval de Andrade

adevaldeandrade@gmail.com

Nasceu em Santa Terezinha, no sertão de Pernambuco em 1988. Descobriu o universo da literatura tardiamente, aos treze anos, mas foi paixão à primeira vista. Desde então, lê e escreve todos os dias. Foi finalista do Prêmio Sesc Monteiro Lobato de Contos Infantis de 2016, publicou contos pela Darda Editora, Editora Oito e Meio e Revista Aversa.

Simplemente Fantástica

Sara Meireles era diferente de todas as outras pessoas do mundo.

Eu tinha passado o último ano inteiro sentada quase todos os dias na carteira ao lado da dela em uma tentativa frustrada de entender o que a fazia tão diferente. Meus amigos não entendiam a minha fascinação, eles não percebiam que a sala ficava mais quente só pela presença dela, e eles não sentiam o leve cheiro de grama recém-cortada a cada suspiro que ela soltava. Para todo mundo Sara era apenas uma garota, para mim, ela era fantástica.

Não digo isso por estar obviamente apaixonada por ela. Da forma como eu vejo, minha paixão por Sara era tão natural quanto a maré do mar e o movimento da lua, ela era o astro celeste que fazia meus pensamentos serem incertos e confusos. Durante todo aquele ano eu me contentei com apenas isso, com a força invisível que me atraía para ela e que ao mesmo tempo me mantinha longe, enquanto ela seguia pela vida alheia a minha existência.

Por isso que eu me surpreendi quando na viagem de formatura do último ano ela pediu licença e sentou ao meu lado no ônibus. Nós passamos as horas seguintes sentadas uma ao lado da outra enquanto cantávamos junto com o restante do ônibus músicas que deixavam os professores responsáveis enfurecidos. O nosso destino era um hotel fazenda que oferecia diversas atividades que atraíam a nossa necessidade jovem por aventuras; todos estavam empolgados com os esportes aquáticos e com o buffet liberado do almoço e do jantar, mas naquelas três horas de viagem, tudo que eu conseguia pensar era na minha sorte em ter sido escolhida como colega de viagem da Sara.

– Atenção alunos, estamos chegando ao nosso destino, prestem atenção nas orientações! – a professora de matemática, que tinha sido carinhosamente convidada a nos acompa-

nhar, ficou em pé na frente do ônibus e esperou os gritos e palmas pararem antes de continuar com as instruções. Pela janela eu conseguia ver a sede central do hotel e a quantidade de mata verde que cobria o local.

– É lindo – escutei Sara falar, e sua voz era quase um sussurro no meu ouvido.

– Maravilhoso – falei sem saber se me referia à vista, ou a ela.

Aquela tinha sido a nossa primeira conversa e eu queria mais, queria poder conversar com ela para sempre, queria poder sentar ao seu lado e só observar a forma como sua pele escura brilhava com o toque delicado do sol, e como os cachos de seu cabelo davam voltas perfeitas antes de caírem sobre seus ombros. Contudo o ônibus parou e conforme desembarcamos, fomos divididos em grupos para irmos até nossos quartos, Sara se juntou a seus amigos enquanto eu me juntava aos meus, que nem tentaram esconder suas risadinhas.

Pelo resto da semana, nossos caminhos raramente se cruzaram, ela estava na beira da piscina tomando sol com as amigas, eu estava em um caiaque no meio de um rio; ela estava saindo do restaurante depois do almoço, eu estava chegando; ela tinha ido tomar banho de cacheira, eu estava na sauna. Era tão óbvio que o universo nos queria longe uma da outra que eu aceitei a realidade da melhor forma que eu pude e aproveitei minha viagem, mesmo que isso significasse não aproveitar a presença dela.

No último dia, todos nós combinamos de virar a noite na piscina principal do hotel. Parecia a melhor forma de comemorar o final do ensino médio, e de brindar o início de uma nova aventura. Sara estava lá, sentada afastada, olhando para o céu e ignorando as risadas e conversas ao seu redor, de onde eu estava eu podia ver sua silhueta brilhar como se ela própria fosse uma estrela. Não sei se foi o clima de despedida, ou o resultado de dias embaixo do sol escaldante, mas eu decidi que se aquela fosse minha última chance, eu iria aproveitá-la, independente das intenções do universo.

– É uma bela noite – falei sentando ao lado dela na grama.

– Sem dúvidas – ela respondeu abaixando o rosto para ver o meu. – Achei que você não viria falar comigo.

– Por que não? – perguntei sem saber se ela podia perceber meu rosto ficando vermelho.

– Não sei, acho que tinha medo que você não viesse – ela

falou sorrindo e eu senti meu coração se aquecer.

– Bom, eu vim – eu sorri também e ela voltou a olhar para o céu.

– Tenho algo para te mostrar – sua voz se tornou um sussurro e eu precisei olhar com mais cuidado para ter certeza que era ela que estava falando. – Vem comigo?

Eu não respondi, apenas levantei e estendi minha mão para ajudá-la a fazer o mesmo. Nós duas nos afastamos da comemoração da piscina e ela me guiou por meio das trilhas do hotel que eu não tinha tido tempo de explorar antes. A noite estava quente, e eu sentia meu vestido grudar nas minhas costas pelo suor, mas Sara não parecia ser afetada pelo calor, seus cabelos cacheados balançavam suavemente com seus passos e sua camiseta e saia estavam intactos.

– Onde nós estamos? – perguntei quando ela parou de andar, a nossa frente estava a entrada para uma caverna que eu não lembrava estar descrita na brochura de atrações do hotel.

– Você vai ter que confiar em mim – ela pediu, apertando mais forte a minha mão, e eu não tive como não concordar, não quando ela olhava diretamente para mim com aqueles olhos que no reflexo da luz da lua eram cor de violeta.

Eu a segui para dentro da caverna, sentindo seus dedos finos segurarem os meus, eu conseguia sentir seu pulso através deles e percebi que seus batimentos estavam tão agitados quanto os meus. Sara não hesitou em nenhum momento enquanto entrávamos mais fundo na escuridão, e constantemente me avisava dos obstáculos para que eu pudesse desviar. Quando finalmente ela parou, estávamos imersas em uma escuridão tão silenciosa, que até nossas respirações ofegantes ecoavam.

– Eu tenho algo para te mostrar – ela disse soltando minha mão, me deixando brevemente desesperada.

– Sara! – eu chamei mas ela não respondeu, em vez disso, começou a brilhar.

A minha frente eu conseguia distinguir seu contorno, e precisei piscar mais forte algumas vezes, para que meu olhos se acostumassem enquanto Sara emitia uma leve luz branca que aos poucos se espalhava pelo restante da caverna. Pedras brilhantes refletiam sua luz, de forma que a caverna inteira se iluminou como várias estrelas em um céu escuro. Nós estávamos na beira de uma queda de 100 metros, e agora Sara estava alguns metros acima, flutuando pelo grande vazio, como se fosse algo perfeitamente normal. Eu a observei encantada e em silêncio

enquanto sua luz alimentava aquela caverna escura, e aguardei ela voltar ao meu lado, sua luz diminuindo enquanto o restante da caverna ainda brilhava.

– Por que eu? – perguntei quando ela voltou para mim com os olhos violetas bem abertos.

– Por que você me viu, antes que eu precisasse dizer qualquer coisa – ela respondeu e eu senti uma onda de calor me envolver enquanto ela sorria abertamente.

– Você sabia? – perguntei surpresa por meus sentimentos terem ficados tão claros.

– Assim como sei quando vai chover, onde os arco-íris vão aparecer e quando as estações estão mudando – ela disse, estendendo a mão para me tocar, e eu senti seu brilho envolver meu rosto. – Eu também sei quando alguém vê quem eu realmente sou.

– Por que você nunca disse nada? – perguntei ainda sem conseguir sair do lugar, mas desejando que ela se aproximasse.

– Eu queria te mostrar primeiro – ela falou dando um passo em minha direção, como se tivesse lido meu pensamento. – Que você soubesse que eu na verdade sou...

Eu a interrompi enquanto acabava com o espaço entre nós e me permitia fazer aquilo que eu vinha sonhando desde que ela tinha entrado em minha vida. Eu senti meus pés saírem do chão enquanto ela correspondia ao beijo e senti o calor da areia quente no verão enquanto passava meus braços ao redor de seu pescoço e me permitia aproveitar o beijo que eu tanto desejava.

– Fantástica – falei quando nos separamos e meus pés voltaram a tocar o chão. – Você Sara, é simplesmente fantástica.

Ana Farias Ferrari
a.ferrari@hotmail.com

É formada em psicologia, e apaixonada por livros. Começou escrevendo fanfics de animes quando adolescente, e redescobriu o amor pela escrita quando começou a criar seus próprios personagens. Atualmente mora em São Paulo, publica textos próprios em seu blog Ana só Ana, e possuiu uma pilha constante de livros para ler.

Titânia

Entrei naquele ônibus para fugir. Fugir da minha vida, seguir sem rumo sem olhar para trás. Eu não queria nada daquela realidade cruel. Se aquela era a minha vida, eu não a queria mais. Que os outros vivessem com ela, eu estava farta.

Na rodoviária, parei no primeiro guichê que encontrei e comprei uma passagem no próximo ônibus, que partiria dali há cinco minutos. Não sabia para onde ele ia, mas isso pouco me importava. Eu só precisava sair daquela cidade e nunca mais voltar.

Quando sentei em minha cadeira, no entanto, percebi que a viagem não seria tão agradável quanto eu esperava que fosse. O homem que se sentou a meu lado era grande em todas as direções, ocupando não apenas a sua poltrona, mas também quase metade da minha. Ele dormiu assim que o ônibus se pôs em movimento e o som de seu ronco assemelhava-se ao de uma britadeira.

Pela primeira vez desde que a comprara, dei uma boa olhada em minha passagem, tentando desesperadamente encontrar algo nela que tornasse a viagem mais agradável. O que vi, porém, apenas tornou tudo pior. Um trajeto de nove horas. Coloquei meus fones e tentei dormir também, mas o sono não vinha de jeito nenhum. As músicas foram passando, e minha mente foi me levando para lugares perigosos, lembrando-me de assuntos e pessoas os quais eu estava desesperada para esquecer.

Apoiei minha cabeça no vidro da janela, focando na paisagem do lado de fora, que corria na mesma velocidade do ônibus. Não passava de borrões de verde e amarelo-palha, embaçados pelas lágrimas que se acumulavam em meus olhos. Sabia que ainda faltava muito para a viagem terminar, mas a esse ponto, cada minuto que passava me parecia uma longa eternidade.

Comecei a questionar minha decisão, minhas motivações. O que eu faria quando chegasse a meu destino? Eu tinha dinheiro o suficiente comigo para viver tranquilamente por quanto tempo? Uns três meses, talvez? E depois disso, o que eu faria? Eu não sabia como responder a essas perguntas. Eu apenas fugira. Não tinha pensado no que faria se desse tudo errado – droga,

eu não tinha nem um plano A, então como é que poderia ter um plano B?

Minha respiração começou a se acelerar enquanto eu tentava conter as lágrimas da melhor maneira possível. Queria muito voltar para casa, mas a verdade é que eu não tinha isso, um lugar para chamar de casa.

Foi nesse momento que a vi, um misto de rosa e violeta, rindo enquanto voava entre os outros passageiros, que pareciam completamente alheios a sua presença. Aquilo me assustou. Por que só eu a estava vendo? Suas asas translúcidas pareciam ter todas as cores do mundo e brilhavam como purpurina quando a luz do sol as encontrava. Quando reparou que eu a olhava, ela parou a minha frente, sorrindo amplamente. Pude ver cada detalhe de sua pequena presença. Suas orelhas eram pontudas e seu cabelo vastamente cacheado era de um tom vivo de rosa-pink. Seus olhos, no entanto, eram o que mais chamava atenção nela, com pupilas fendidas de um roxo quase negro.

Ela riu de novo, um belo som que me fez sorrir junto com ela. Nunca vira nada tão mágico como ela. Enquanto olhava para ela, meu coração pareceu se reacender com algo que eu não sentia há muito, muito tempo. Esperança.

Desejei que aquele momento nunca acabasse. Desejei que pudesse sempre vê-la, não importava onde estivesse. Alargando seu sorriso ainda mais, ela olhou para o lado e apontou-me a janela pela qual eu estiver olhando desde que me sentara ali.

Virei meu rosto mais uma vez para a monótona paisagem que eu já decorara. Meus olhos se arregalaram instantaneamente. Do lado de fora, centenas de pontos, brilhantes como ela, em centenas de cores diferentes, voavam, livres como o vento.

Thais Rocha

thati_rocha@hotmail.com

É escritora independente e mestranda de Letras Clássicas na Universidade de São Paulo. Sonhava em ser escritora desde os 10 anos de idade, quando começou a escrever sua primeira fanfic. Atualmente, tem três romances e quatro contos publicados. Saiba mais em: <https://rochathais.wordpress.com/>.



Coragem

Quanto mais avanço a estrada,
Mais o breu me suga a luz.

O perigo sempre aguarda, na neblina que se deita,
Mas com fé e esperança, a coragem me seduz!
E conduz meus pés descalços, sem chorar a dor extrema,
A carregar como um tesouro o mais sagrado diadema.

"Não tem medo, oh! princesa, do que espreita no covil?"

*— O medo é escudeiro, tão sagrado e companheiro,
sem o qual, por desmazelo, a bravura é infantil.*

E assim vou prosseguindo,
Passo a passo a vagar.

E só consigo assim viver pois existo na certeza
De que ainda que eu sofra, me esgote ou enlouqueça,
O meu povo irei salvar!

Nantai

A Ilha Invisível

I

Era uma vez uma ilha
Que apareceu de um encanto
Por uma Fada madrinha
Que, com a sua varinha,
A colocou no oceano

O que era mais estranho
É que ninguém via a ilha
Fosse de barco ou voando,
Mesmo bem perto chegando,
Ninguém nunca a percebia

Lá mora uma garotinha,
Olhos de jabuticaba,
Cabeleira em rodinha,
Tão linda, tão pequenina!
Tão doce, chamada Zaila.
É a ilhota invisível
Rodeada de rochedos
Uma muralha incrível
Que a protege do perigo
E que até mete medo

Essa muralha é igual cobra
É esperta e tudo vigia
Se precisar, cresce e dobra
Se abre, fecha, vem, volta
P'ra defender sua ilha

Entre os rochedos imponentes,
Nasce um vale bem verdinho
Onde tudo é inteligente
Falam, pensam igual gente,

Pedras, plantas e bichinhos

Há um riacho pequeno
Entrecortando esse vale,
Com águas que cumprimentam
Qualquer um que vá, sedento,
Matar a sede com um gole

As flores brilham e se curvam
Na hora que alguém passar,
Iluminando os rumos
Dos que habitam esse mundo
Até em casa chegar

Lá tudo é muito cuidado
Por quem mora no lugar
Não há sujeira no riacho,
Nem cascas, papéis jogados,
Nem rabiscados não há

Nessa ilha se pratica
Igualdade e compaixão
Amizade diferente,
Daquela que nunca ofende,
Mesmo se dizendo 'não'

II

Lá existe uma casinha
Toda feita de cristal,
Com telhado de ametista
Ela brilha, brilha, brilha
Igual luzes de Natal

Nela mora a garotinha
Com um monte de amiguinhos:
A paca, a cobra e a cotia
O gato, a arara e a galinha
E um monte de passarinhos

Faz pouco tempo a menina
Passou a morar ali
Antes de morar na ilha,
Morava com sua família
Muito mais longe daqui

O mundo de onde ela veio
Fica bem depois do seu
Se atravessa o oceano inteiro
P'ra encontrar o antigo reino
Aonde Zaila Nasceu
Mas nesse reino de Zaila
O povo criava a fome,
Os animais eram caça,
O homem não respeitava
Os direitos de outros homens

Tanto mataram as florestas,
Tanto poluíram os rios
Que tudo morreu depressa,
Que o Sol secou toda a terra
E o homem quase sumiu

Foi então que a mãe de Zaila
Fugiu com ela da fome
Mas não achou outra mata
Nem outro rio, outra terra,
Nem verdes, nem vale ou monte

O homem já destruíra,
O rio virara deserto!
– *O que farei com minha filha?*
Não tem mais água ou comida
Só há o destino incerto

E as duas, então, fraquinhas,
Desfaleceram no chão
Foi quando a fada madrinha,
Vendo que a mãe adoecia,
Falou-lhe no coração:

– *Não se preocupe, mãezinha*
Descanse em paz lá no céu
Que eu cuidarei da menina,
Pois criarei linda ilha
P'ra Zaila, com paz, com mel

E foi assim que surgiu
No meio do oceano
Aquele ilha invisível,
Onde não entra o fuzil,
Sujeira, fome ou engano

Só quem tem coração puro
Como as brisas do mar
Só que ama o amor profundo,
Quem respeita todo mundo,
Consegue na ilha entrar.

Samia M. Awada

samia.awada@hotmail.com

É apaixonada pela escrita poética, com suas rimas, métricas e melodias clássicas, muito embora não abandone de todo os versos livres do atual modernismo. É admiradora dos poemas de Bocage - em sua segunda fase - de Fernando Pessoa, de Cruz e Souza. Nasceu em Belém do Pará, é pós graduada em Direito Administrativo, atuando profissionalmente no judiciário federal.

Divina

Luan Lary
luanlary.bg@gmail.com

“Tenho 29 anos e sempre amei a literatura, música e artes plásticas. Sou programador e estou cursando licenciatura em Física na Unis. Venci alguns concursos de poesia e redação e agora estou publicando um livro pela editora Multifoco com o título Palavra é bala perdida, onde conto um pouco mais de mim através da poesia.”

Aproximou-se calada, sorrateira
e lançando seu dedo na superfície dos lábios
congelou quase que por eterno o momento
era feito uma fotografia
a luz esculpia seus contornos de certa forma homogêneos
e dada a natureza da situação a admiração era até involuntária
mirou-se no espelho velho do seu quarto
que já a muito a capturava
era toda ela ali representada por uma imagem muda,
molhada
todas as suas cores finamente acentuadas,
refletiam de forma erotizada sua inocência jovial
era ela toda humana
carregava no olhar toda a sorte de pecados
vestia nos olhos uma certa dureza que a distinguia das demais
fora desenhada pela vida
e entregava-se as casualidades como dava-se aos demais
era completamente viva, machucada e real
fora marcada por muitos nomes
prostituta, meretriz,
ou qualquer outro nome que venha banhado
na acidez da moral
mas não passavam de rótulos, disso ela sabia
tudo pra ela era fugaz,
tudo era apenas rotina
até a sua beleza, trivial

Fantástico

| **Debora Fogaça**

Incrível! O que poderia ser mais incrível?
Que te olhem nos olhos.
Mas não um olhar qualquer
Aquele olhar profundo
Que olham não só o brilho de seu olhar
E mais que isso, e algo profundo
Que enxergam sua alma, seus pensamentos, seus desejos mais
secretos
Isso é fantástico!

Quando alguém consegue decifrar
Apenas com os toques, todos os seus desejos
Quando alguém te faz querer ser você mesma
Não apenas querer, mas você acaba sendo você mesma
Com a naturalidade do clima
Isso é fantástico!

Eu quero descobri, cada centímetro de suas linhas
Me aprofunda cada vez mais no seu olhar
Me perde no cheiro e nos fios de seu cabelo
Me encontra no abismo das profundezas de sua alma
E me vejo no seu corpo, de sermos uma só
Isso sim é fantástico!!

Fantástico é Ser Mulher

Todas as minhas denúncias estão aqui,
Cravadas nesse sorriso!
A exposição tão real dele,
Torna tudo mais fácil para o outro,
Mesmo sem ouvintes eu digo.
Como se fosse mais uma amante culpada pela tentação.
Como se carregasse em mim,
A responsabilidade de ser a pecadora.
Ame-se e suporte.

Houve tempos incrivelmente sutis,
Em que a genuína naturalidade relevava tudo.
Em que a inocência relevava tudo,
Existiam apenas inocentes, todos inocentes.
Silêncio sobre silêncio, superações sobre fantasias.

Ouvi então falar das primeiras mulheres,
As que fizeram ser vista,
das que eram impossíveis não enxergar,
Surgiam com mãos cansadas, poesias gastas, antigas.
Ouvia-se de longe falar delas,
que sempre estiveram presentes,
Que sempre lutaram por nós.

Comecei a procurar, queria vê-las,
queria saber mais.
Percebi que elas estavam atrás daqueles homens,
Que foram postas lá, que era difícil mesmo de enxergar,
Mas que elas estavam tentando algo novo.

No meio de tantos homens era difícil enxergar as mulheres,
não eram ouvidas, não eram lidas, não eram vistas.
Só eram mulheres, Mulheres atrás dos homens.

Cristhia Kelle Santana
cristhiakelle@hotmail.com

sou estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados, onde também resido. Gosto muito de poesia, escrevo despretensiosamente em momentos em que ela me acontece.

Fantástico

Fábio Luís Vasques Silva

fabio17vasques@yahoo.com.br

Nasceu no dia 17
de maio de 1974,
no Município do
Rio de Janeiro.
Advogado,
Professor,
Escritor e Poeta.

Por trás do espelho,
Usinas de homens seriados
[crepitam em fornalha
[num extraordinário faz de conta.

Universais e monozigóticos,
Clivam, frenéticos,
Em múltiplas e instantâneas gerações,
Das esteiras do chão de fábrica.

Apátrida fronteiroço,
Caminho, a pés descalços,
Entre o lúcido e o lúdico,
Pela lâmina de vidro,
Feita de sal, açúcar e cal.

Caçador de almas perdidas,
Descortino pálpebras,
Revelando silêncios,
Que ecoam, absolutos,
Por trás das retinas.

E depois da meia-vida (radioativa),
Apanhado pela peste,
Profetizo, impotente e mediúnico,
Fragmentos de uma guerra perdida:
Psicografia do apocalipse imaginado,
História fantástica escorada
[nos escombros da memória.

Juvenes Phasma

Dentro dos ocos
mais profundos desse lar,
vindo em passos frouxos e fecundos,
existe um ser a se revelar,
morando naquela casa da avenida,
casa essa demolida e reconstruída,
o fantasma Arlindo.

Sumindo entre seu ectoplasma
arrastando-se aos trapos,
aos brandos ruídos,
aos arranhares pruídos,
o próprio fantasma se arrepia,
com um sussurro de cólera
aos meios daquela esfera,
vagueia esse ser,
sempre,
a cometer um afazer,
olhar novamente,
a sua rotina de se surpreender.

Num súbito, desesperado,
vendo num espelho todo rachado,
o atônito monstro,
todo branqueado,
é um ser medonho,
um moço tristonho,
sendo eu, perplexo,
o seu próprio reflexo.

Pedro Palma de Souza

Estudante de
Letras. Desde
pequeno escreve
poesias e
histórias. Futuro
tradutor, escritor
e poeta. Gosta
de viver em um
mundo onde
a criatividade
faz parte do
imaginário, e
onde a razão
e a realidade
andam juntas.
Compreende que
a poesia faz parte
da vida.

Não deserto porque sonho

Liana Salles Monteiro
lianagmonteiro@gmail.com

Carioca, 22 anos,
é estudante de
Rádio e TV na
UFRJ. Começou
a escrever poesia
aos 15 anos. É
completamente
apaixonada pela
cidade onde
nasceu e cresceu,
encontrando
nela a inspiração
para escrever
seus contos e
crônicas. Publica
seus textos no
blog “Teresa,
a mulher das
balas”.

Pelos da Terra sessenta e
um mares,
peregrinei, à tua procura;
na noite escura, Anjo Umabel,
dei com Alá, o deus do Saara

Em alabanças, graves,
em pares,
homens ornados de pele crua;
à meia lua, Anjo Umabel,
dei com Jeová, o deus da Judeia

Afoguei-me, sem perceber,
que a ilha era, real, baleia;
mas acordou-me um canto assim,
de Rückert ou de mestre Candeia,
que dizia no meio ou no fim:
“vivo isolado no mundo”.
Sereia!

Fechei ao canto os ouvidos,
velhos cerumes de Odisseu;
e vindos ágeis do mar Egeu,
cento e cinquenta e
três peixes pescaram, esfomeados,
os filisteus, pescadores de Deus

Comi dos peixes, mordi a carne,
sentei-me junto ao povo meu,
que entoou cantigas de ninar

antigas, odes e elegias
de um grego Tirteu

O povo hebreu, ao saber em terra
sua o povo do mar, sem permissão,
esbravejou, chamou à guerra
e lá fui eu, centurião,
lutar pelo povo
que me esqueceu

Ao chão jogada, abandonada,
sofri a fome e a ansiedade
de um lugar que ainda fosse meu:
Jardim de Alah, Saara, museu
nacional de múmias, alguns
pedaços de quem já viveu
Sonhei mil e uma noites,
cem anos de solidão;
até que um dos sonhos
me disse: “tornei-me afastado
do mundo”, e eras tu, Anjo Umabel
de asa e arpão

Disseras também que houvesse,
onde havia tripas, coração;
e que em oração me ouvisse e desse,
como quem esquece, a mim a chance
de juntar-me a nova legião

Espartanos, romanos, ciganos,
mulheres e homens profanos
procurei entre eles ano após ano.
Apenas enganos; e estilhaçados
então os sonhados planos,
joguei o baralho
e saiu o
sexagésimo primeiro arcano

Solidão.
Compus um samba, uma modinha
e um tango, chamado “Soledad”,

enquanto via nas ruas a vida:
das meninas de rua
das mulheres de rua
de uma hermana muy hermosa
que se llama Libertad

Viajei a América, latina
e tão ladina! tentando encontrar
menina, Nossa Senhora, mas
encontrei, em vez dela, santa Teresa andina.
Falou-me, primeira flor de santidade,
que encontraria a verdade onde
houvesse a vontade
de viver completamente

Solidão.

Tirei dos ouvidos a cera;
do corpo, a armadura.
Com olhos fechados busquei
a aventura de achar-te aqui comigo,
Teresa descalça dos Andes, Teresa das Balas,
Nossa Senhora Aparecida,
Mulher Guerreira Esquecida,
Anjo Umabel
No escuro da minha prece,
uma imagem desaparece.
Não sei mais do passado,
das viagens, nem dos pesados
fados.

Nasço aqui e agora,
senhora de mim, dos sessenta e
um mares
e dos sete pecados.

Deixar ou ser deixado

A diferença está entre deixar ou ser deixado...
Todavia, o que para muitos importa é ser amado.
Amor não tem quantia, peso ou medida.
Amar é uma fortuna bem merecida.

Porém, o nosso mundo gira e muda de direção.
O maior problema é conseguir decifrar o coração.
Amor é ter uma cara-metade.
Amar é ser feliz e ter liberdade.

Assim, o melhor da vida é amar e ser amado
e nunca dar nada por terminado.
Amor é viver em harmonia.
Amar é uma fonte de grande sabedoria.

| **Carolina Figueiras**

